



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

JOSÉ HAROLDO PIMENTEL ROCHA NETO

**OS ESTÁGIOS ACADÊMICOS E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO
DOS SENTIDOS DO TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO COM ESTUDANTES DA
UFC FORTALEZA**

FORTALEZA

2020

JOSÉ HAROLDO PIMENTEL ROCHA NETO

OS ESTÁGIOS ACADÊMICOS E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS DO TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO COM ESTUDANTES DA UFC
FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R573e Rocha Neto, José Haroldo Pimentel Rocha Neto.
OS ESTÁGIOS ACADÊMICOS E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO
TRABALHO: : UMA INVESTIGAÇÃO COM ESTUDANTES DA UFC FORTALEZA / José Haroldo
Pimentel Rocha Neto Rocha Neto. – 2020.
95 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino.
1. Estágios Acadêmicos. 2. Sentidos do Trabalho. 3. Inserção Profissional. 4. Formação Profissional. I.
Título.

CDD 150

JOSÉ HAROLDO PIMENTEL ROCHA NETO

OS ESTÁGIOS ACADÊMICOS E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS
SENTIDOS DO TRABALHO: UMA INVESTIGAÇÃO COM ESTUDANTES DA UFC
FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia. Área de concentração: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.
Orientador: Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Lúcia Maria Gonçalves Siebra
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dr. Sidinei Rocha de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Em memória de Zilmar Braga, minha avó.
Não por ser seu neto, mas pela avó, mãe e mulher que foi.

AGRADECIMENTOS

Neste curto espaço, peço licença à academia para abrir mão das normas técnicas para produção científica em detrimento de um agradecimento especial. Durante o percurso dessa dissertação, perdi aquela que foi minha maior incentivadora, aquela a quem devo toda a minha formação desde as séries iniciais da educação infantil até o ensino superior. Vozinha, o silêncio ensurdecedor da sua partida chegou-nos como vem o vento. Foi como a brisa do mar que ao balançar as folhas espalha poeira. Desde então, memórias insistem em produzir em nós dores de saudades. Ficaram as histórias, os afetos, os aprendizados, as saudades e orgulho de pertencer a sua descendência. Contudo, a dor da sua perda transformou-se no alimento que me sustentou nessa trajetória pela certeza que esse seria o seu desejo. Meu primeiro agradecimento não seria a outra pessoa senão a ti.

Ao meu avô, Haroldo, de quem eu herdo, o nome, a força, a coragem e a segurança. Aos meus pais, Lauro e Adelaide, que, mesmo em face de todas as dificuldades, econômicas, emocionais e de saúde, acreditaram e bravamente resistiram fazendo dessa trajetória uma caminho menos árduo. Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas. Aos meus amigos, João Cândido, Elane Rocha, Bruno Felipe, Amanda Gomes, Jorge Wambaster, Eveline Nogueira, Layane Sabóia, Valéria Pablo, Ana Beatriz e Kyara Cinthya por serem um porto seguro e amparo nos momentos difíceis. De modo especial, agradeço à Evelyn Cristina, que mesmo em uma situação delicada não hesitou em oferecer ajuda, sendo um suporte fundamental para a feitura desse trabalho.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicologia que, fortemente, luta para fazer reverberar o saber científico da Psicologia diante de um cenário de ataques à educação. Sou grato aos professores que durante esse processo estiveram presentes, mas de modo particular, agradeço ao Coordenador do Programa João Paulo Pereira Barros que incansavelmente luta pela manutenção digna dessa relevante Instituição científica no Estado do Ceará. Agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Ao Prof. Dr. Cássio Adriano Braz de Aquino, pela atenção, dedicação e empenho na realização dessa empreitada. Suas reflexões foram fundamentais para as discussões propostas e suas contribuições foram valiosas para o desenvolvimento da pesquisa. Obrigado pela atenção, alegria e senso de humor, elas foram fundamentais para essa trajetória. Sou muito orgulhoso por ter feito parte da sua trajetória de orientações acadêmicas. De modo particular, agradeço ao Nutra que bravamente resiste no ensino, pesquisa e extensão da

Psicologia Social do Trabalho em um cenário social, econômico e político que precisa conhecê-la. Agradeço pela contribuição comunitária em meu trajeto acadêmico e espero que minha passagem pelo Núcleo tenha deixado boas contribuições.

Aos professores participantes da banca examinadora Lúcia Maria Gonçalves Siebra e Sidinei Rocha de Oliveira pela disponibilidade para em tempos de pandemia, dedicar-se à construção do conhecimento. Suas contribuições foram fundamentais para que esse trabalho tivesse o corpo que tem hoje.

Por fim, e não menos importante, minha grande consideração aos estagiários que participaram das entrevistas, pelo tempo concedido nas entrevistas e pela contribuição ao corpo teórico da Psicologia Social do Trabalho. Muitas das contribuições trazidas refletiam as angústias e dificuldades vivenciadas por mim quando estagiário e que foram fundamentais no desenho dessa pesquisa.

“O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca, e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto” José Saramago.

RESUMO

A pesquisa descrita aqui põe destaque sobre os estágios acadêmicos e teve como objetivo principal compreender de que modo as experiências de estágio reverberam na construção dos sentidos do trabalho em estagiários. Foram propostas reflexões sobre a atividade a partir da articulação entre as categorias correlatas a ela, a formação profissional e os sentidos do trabalho. Para atingir os objetivos traçados, optamos por uma investigação de cunho qualitativo cuja ferramenta principal foi a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados nove estagiários de curso distintos cujos critérios de inclusão para a participação das entrevistas foram: o vínculo com a UFC e a participação de algum tipo de estágio (obrigatório ou não obrigatório). A partir dos dados produzidos, foram construídas quatro categorias semânticas, que nos permitiram tecer discussões sobre a trajetória do estágio (inserção, desenvolvimento e avaliação); em relação aos sentidos construídos a respeito do estágio; acerca da relação entre a formação profissional e o cenário de precarização do mundo do trabalho; e sobre os sentidos atribuídos ao trabalho a partir das experiências de estágios. Identificamos que o estágio acadêmico surge como um lugar fértil para a elaboração dos sentidos do trabalho, seja pela aproximação com o contexto de trabalho da profissão escolhida, seja pela vivência da realidade do mercado de trabalho, seja ainda pelo desenvolvimento interpessoal proporcionado pela atividade. Ressaltamos que o estágio não pode ser tomado somente como um período de aplicação prática, tendo em vista que a vivência das suas atividades é permeada por sentimentos que influenciam diretamente o aprendizado do aluno. Parece-nos claro que o contexto de trabalho do estágio articula-se ao cenário de precarização laboral seja diretamente pela reprodução das características desse cenário no cotidiano do estágio, seja indiretamente pela precarização dos processos formativos. O trabalho segue como elemento central nos sentidos atribuídos pelos estagiários e essa centralidade articula-se, sobretudo, as condições para a sobrevivência e à elaboração dos planos de vida.

Palavras-chave: Estágios Acadêmicos, Sentidos do Trabalho, Inserção Profissional, Formação Profissional.

ABSTRACT

The research described here highlights academic internships and had as main objective to understand how the internship experiences reverberate in the construction of the meanings of work in interns. Reflections were proposed about the activity from the articulation between the categories related to it, professional training and the meanings of work. To achieve the objectives set, we opted for a qualitative investigation whose main tool was semi-structured interview. Nine different course interns were interviewed whose inclusion criteria for participation in the interviews were: the link with the UFC and the participation of some type of internship (mandatory or not mandatory). From the data produced, four theoretical categories were built, which allowed us to weave discussions about the trajectory of the internship (insertion, development and evaluation); about the senses built on the internship; on the relation between professional training and the precarious work environment in the neoliberal context; and about the meanings elaborated about the work from the experiences of internships. We identified that the internship emerges as a fertile place for the elaboration of the meanings of work, either by approaching the work context of the chosen profession, either by experiencing the reality of the labor market, or by the interpersonal development provided by the activity. We emphasize that the internship cannot be considered only as a period of practical application, regarding that the experience of the internship activities are permeated by feelings that directly influence the student's learning. It seems clear to us that the work context of the internship is linked to the precarious work scenario, either directly by reproducing the characteristics of this scenery in the internship daily routine, or indirectly by the precariousness of the training processes. Work continues as a central element in the meanings attributed by the interns, this centrality articulates, above all, the conditions for survival and the elaboration of life plans.

Keywords: Academic Internships. Senses of Work. Professional insertion. Professional qualification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Categorias teóricas do trabalho	19
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os Participantes	60
Tabela 2 – Caracterização dos estágios.....	61
Tabela 3 – Os sentidos dos estágios.....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFC	Universidade Federal do Ceará
PROPESQ	Pró-reitora de Pesquisa e Pós Graduação
ABRES	Associação Brasileira de Estágios

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2 OS ESTÁGIOS ACADÊMICOS	20
2.1 As contribuições dos estágios: quais, para quê e para quem?	21
2.2 Estágios acadêmicos: recortes históricos sobre a construção da atividade	24
2.3 A Lei 11788: rupturas e continuidades	26
2.4 Os estágios acadêmicos como práxis	28
<i>2.4.1 Reflexões dos estágios como categoria pedagógica</i>	<i>29</i>
<i>2.4.2 Novos olhares sobre o estágio</i>	<i>31</i>
<i>2.4.3 Os estágios enquanto objeto de investigação</i>	<i>33</i>
2.5 Os estágios profissionais como possibilidade de inserção profissional	34
<i>2.5.1 O conceito de inserção profissional.....</i>	<i>34</i>
<i>2.5.2 O estágio como ferramenta de inserção profissional organizada</i>	<i>37</i>
3 TRABALHO, SENTIDOS ATRIBUÍDOS E ESTÁGIOS ACADÊMICOS	40
3.1 Trabalho: entre sentidos e transformações	40
<i>3.1.1 Trabalho: uma categoria central.....</i>	<i>40</i>
<i>3.1.2 Reestruturação produtiva e as transformações dos sentidos atribuídos ao trabalho</i>	<i>43</i>
3.2 Sentidos do Trabalho.....	46
<i>3.2.1 Sentidos e significados: considerações conceituais</i>	<i>47</i>
<i>3.2.2 Em busca da construção dos sentidos do estágio.....</i>	<i>49</i>
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	52
4.1 O Problema e os Objetivos.....	52
4.2 Ferramentas metodológicas para a investigação dos processos de significação	54
4.3 Procedimentos metodológicos para a construção de dados	54
4.4 Fundamentação teórica para análise de dados	57
4.5 Aspectos éticos e contribuições da pesquisa.	58
5 APRESENTANDO E DISCUTINDO OS DADOS	59
5.1 Considerações sobre os procedimentos metodológicos para a produção de dados	59
5.2 Categorias	63
<i>5.2.1 Quanto custa um estágio? Apontamentos sobre a passagem do aluno pelo estágio</i>	<i>63</i>

5.2.2 <i>Os sentidos atribuídos ao estágio</i>	69
5.2.3 <i>Ressonâncias da formação profissional no contexto do mundo do trabalho neoliberal: o estágio como um ensaio sob o roteiro da precarização do mundo do trabalho</i>	74
5.2.4 <i>Possibilidades de elaboração dos sentidos do trabalho a partir das experiências do estágio:</i>	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA	93
APÊNDICE B : TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	94

1 INTRODUÇÃO

Para as pessoas que ingressam no ensino superior ou técnico, os estágios acadêmicos representam um momento especial em suas trajetórias profissionais. Para muitos, esse é momento de estar à frente de uma turma de alunos ministrando aulas pela primeira vez, de vestir o jaleco e ser chamado de doutor pelo paciente, de gerir uma equipe, entre tantos papéis. Comigo, autor principal desse trabalho, não foi diferente. Os anseios por uma possibilidade de renda e a oportunidade de vivenciar uma experiência extracurricular, foram motivadores para a procura de vagas de estágio. A inserção nesses, contudo, não fora um processo fácil, sobretudo devido às exigências impostas, ao tipo de atividade sugerida, ao valor da bolsa pago e à dificuldade em conciliar a atividade com o curso.

Esse cenário foi o ponto de partida para uma investigação inicial que fora realizada como trabalho de conclusão de curso durante a graduação do autor em Psicologia na Universidade Federal do Ceará. Na ocasião, buscou-se investigar sobre a relação entre a precarização laboral no âmbito dos estágios em Psicologia e as perspectivas de inserção laboral dos estagiários. Identificamos que o cenário dos estágios não deve necessariamente ser identificado como inserido em um processo de precarização, mas é efeito direto desse. Observamos ainda que o processo de inserção laboral tende, muitas vezes, a ser facilitado pelas experiências de estágio. Além disso, essa investigação suscitou algumas continuidades e, dentre essas, a necessidade de uma compreensão mais ampla sobre os estágios, considerando reflexões sobre os campos do conhecimento que o circundam, a saber, a educação – especialmente a formação profissional - e o trabalho, bem como a relação dos estágios com os sentidos atribuídos ao trabalho.

Diante disso, neste trabalho dissertativo, realizado no âmbito do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, apresentaremos nossa investigação, cujo interesse foi compreender de que modo as experiências de estágios reverberam na construção dos sentidos do trabalho em estagiários. Os estágios acadêmicos são uma das principais formas de socialização de muitos jovens com o mundo do trabalho (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Ao contrário do que se difunde comumente, os estágios não representam um tipo de emprego, mas sim um vínculo de trabalho, delimitado por uma legislação específica (Lei nº11788/2008) que atende a uma finalidade pedagógica na formação de competências típicas do contexto profissional (BRASIL, 2008).

No entanto, muitos estágios profissionais acabam desvirtuando-se de sua finalidade pedagógica, representando por vezes uma simples utilização de mão obra

qualificada com restrição ao pagamento de certos benefícios (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Com esse cenário, os estágios se apresentam de modo similar a outras modalidades de trabalho, tal como o parcial e outras formas débeis de vínculo.

A problemática se apresenta de modo mais gritante quando se evidencia que boa parte dos estagiários submetidos a essa situação são jovens em processo de transição para a vida adulta, na maioria das vezes em suas primeiras experiências com o trabalho. Nesse momento, esse grupo social que muitas vezes anseia independência financeira depara-se com uma realidade de mercado atravessada pelo signo da precarização laboral na qual as formas de inserção tendem a ser cada vez mais débeis e flexíveis. O término da formação e a inserção profissional, que costumeiramente podem ser caracterizados como uns períodos conturbados, nessas condições supracitadas mostram-se ainda mais acirrados, envolvendo por vezes sentimentos como angústia frustração e medo (BARDAGI ET. AL, 2006).

Em nossas revisões bibliográficas preliminares, identificamos que os estudos sobre a investigação psicológica no âmbito da formação superior podem ser organizados em dois grandes grupos com relação as suas temáticas. O primeiro reúne aos estudos que circundam as vivências relacionadas ao ingresso nos cursos de formação e às dificuldades para adaptação a esses; e o segundo sobre o período final do curso e a transição do estudante ao mercado de trabalho. Esse último (nosso interesse principal) demarca, por vezes, um período no qual o aluno é alocado diante de uma multiplicidade de tarefas e cenários os quais solicitam a esse uma série de papéis sociais. Os estágios acadêmicos estão inseridos nesse último.

Com relação às produções acadêmicas no cenário dos estágios, identificamos também dois grupos no que se refere ao tipo de publicação, a saber: relatos de experiência e discursões críticas sobre a temática dentro de suas áreas, tal como a Educação, Pimenta e Lima (2006); Enfermagem, Evangelista e Ivo (2014); Direito, Fröhlich e Rodrigues (2017); Administração, Rocha-de-Oliveira (2009). Observamos, nesse sentido, a necessidade de uma discussão que extrapole os limites e as singularidades de cada área, ou seja, uma reflexão sobre a o estágio como uma categoria compartilhada que se insere no contexto da formação e inserção profissional. Diante disso, o diferencial dessa pesquisa situa-se na seara dessa discussão ampliada.

A relevância da nossa investigação reside, ainda, nas múltiplas evidências que apontam a pertinência do estágio na formação dos estudantes do Ensino Superior. O local que estágio ocupa na formação profissional (muitas vezes próximo ao término), o maior público

que nele se insere - jovens em transição à vida adulta- e as correntes transformações no mundo do trabalho colaboram para alocar a investigação dos estágios como uma área extremamente profícua e de grande relevância sobre a construção da identidade e sobre a produção das subjetividades.

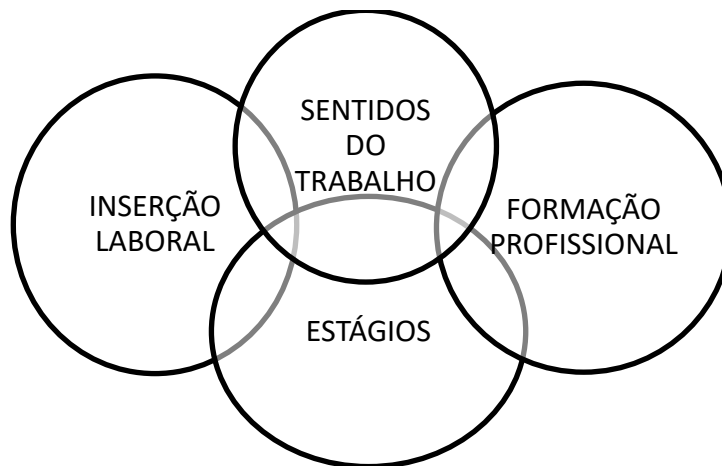
Nossa lente para a compreensão do nosso objeto é a Psicologia Social do Trabalho. O trabalho, nessa perspectiva, ocupa posição central na elaboração da sociedade e do homem, sendo norteador para a compreensão desse último enquanto ser social, construindo sentidos e significados em suas relações e guiando sua noção do tempo e da realidade (SATO, COUTINHO E BERNARDO, 2017). Nessa compreensão reside a centralidade do trabalho e “sua importância na estruturação do sujeito e de processos psíquicos importantes, tais como identidade, saúde mental, aprendizagem, significados, atitudes” (BENDASSOLLI, 2011, p.75). E esse é, justamente, o sentido que toma a Psicologia Social do Trabalho. A partir de então, é possível compreender como as mudanças relativas ao trabalho acabam repercutindo em uma série de outras esferas sociais, ou seja, como o mundo do trabalho vai norteando a vida das pessoas e das sociedades.

Aqui, compreendemos que os sentidos de trabalhos não se restringem apenas à atividade profissional regular, remunerada ou assalariada. É uma categoria ampla que se relaciona com as experiências dos sujeitos e com os significados que são compartilhados pelos grupos ao qual esse se vincula. O trabalho é eleito como um recurso para a individualização, uma forma de o indivíduo construir um significado de si mesmo, e da sociedade onde vive. Os sentidos atribuídos ao trabalho articulam-se, dessa forma, à construção da identidade e na produção da subjetividade (COUTINHO E OLIVEIRA, 2017).

Nesse âmbito, o estágio é eleito aqui como instrumento primordial na construção dos sentidos atribuídos ao trabalho. Diante disso, nossa proposta de investigação partiu da premissa inicial que as experiências de estágio as quais os jovens vivenciam reverberam nos sentidos do trabalho que esses elaboram.

Podemos descrever que três categorias teóricas são fundamentais para a compreensão desse fenômeno. São elas: a inserção laboral, a formação profissional e os sentidos do trabalho. Cientes que essas três categorias teóricas não podem ser tomadas de modo dissociado, promovemos articulações entre essas construções teóricas, certos que nosso interesse reside nos sentidos atribuídos.

Figura 1: Categorias teóricas do trabalho



Fonte: elaborado pelo autor

Esse texto foi organizado em 6 partes. A primeira que trata das considerações iniciais sobre a temática (este); a segunda que busca apresentar um aparato teórico para a compreensão da categoria “estágios acadêmicos”; a terceira que apresenta discussões sobre os sentidos do trabalho e reflexões sobre as transformações laborais; a quarta que traz os principais recursos metodológicos utilizados para produção dos dados da pesquisa, bem como as construções teóricas que orientarão a análise, a quinta que apresenta e discute os principais dados construídos com a investigação e a sexta que desenha as considerações finais.

O desenvolvimento dessa pesquisa contou com o apoio da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC. Enfatizamos também que a referida investigação foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC (CEP UFC - Universidade Federal do Ceará / PROPESQ-UFC) sob Número de Parecer e CAAE -13650519.7.0000.5054.

2 OS ESTÁGIOS ACADÊMICOS

O estágio é considerado por muitos como um momento muito relevante na formação de um profissional, seja pela expectativa que esse momento produz no estudante, seja pela contribuição no desenvolvimento de habilidades típicas do contexto profissional que esse período proporciona. Caracterizado por alguns autores como um campo vasto e repleto de contradições, o estágio desde o seu surgimento vem configurando-se como uma potente ferramenta na inserção profissional de muitos jovens. A atual compreensão sobre os estágios, no entanto, difere das perspectivas de outrora, o que denota que a categoria tem passado por constantes transformações.

Segundo a Associação Brasileira de Estágios (ABRES), o Brasil passou por um período de grande expansão do ensino superior e técnico. Em 2017, cerca de 8 milhões de pessoas ingressaram nele, representando um aumento de 228,57% quando comparado aos dados de 2002, ano a partir do qual os dados sobre a temática foram registrados. Para o presidente da ABRES, o ingresso nos cursos não são garantia de conclusão, de modo que apenas 37% dos ingressantes concluem sua formação (ABRES, 2019).

Para ABRES, o estágio pode revelar-se como uma potente estratégia para amenizar esse quadro, sendo apontado como “o maior instrumento de inserção laboral do jovem no mercado de trabalho” (ABRES, 2019). Segundo dados de uma pesquisa realizada com as agências de integração e finalizada em dezembro de 2017, há 1 milhão de vagas de estágios, 740 mil destinadas ao ensino superior (ABRES, 2019).

No entanto, apesar da expressividade dos números, a ABRES indica que apenas 5,5% dos discentes aptos ao estágio conseguem uma vaga. Essa situação é intensificada no atual cenário econômico marcado pela crise econômica, o aumento vertiginoso do desemprego e o conseqüente agravamento das disparidades sociais. Esse contexto colabora para que se crie um mercado acirrado de estágios na qual a expressiva procura esbarra em uma demanda limitada que se utiliza dessa condição para propor condições de estágio, cada vez mais, marcadas pelo signo da precariedade.

Este capítulo se propõe a apresentar ao leitor diferentes perspectivas sobre os estágios, propiciando um espaço plural para o diálogo de vários saberes. Nesse sentido, o capítulo inicia com um levantamento de bibliografia as principais contribuições do estágio. No entanto, nos esforçamos para lançar sobre essas contribuições um olhar crítico, destacando conseqüências negativas e positivas, pondo relevo também sobre os múltiplos atores que se beneficiam com a atividade. Em seguida, apresentamos um breve recorte histórico sobre a

construção da categoria estágio, apontando elementos que contribuíram para essa construção como as diversas leis propostas. Na seção seguinte lançamos uma reflexão sobre a atual Lei, apontando sobre ela rupturas e continuidades indicando alguns desafios que perduram. Nas seções “2.4” e “2.5” trazemos considerações das duas grandes áreas pelas quais o estágio transita, a saber, a educação e o trabalho. Essas duas assumem grande relevância em nossa discussão, tendo em vista que nossa pesquisa intenta compreender a categoria estágio acadêmicos a partir dos sentidos do trabalho atribuídos pelo estagiário.

2.1 As contribuições dos estágios: quais, para quê e para quem?

Os estágios acadêmicos podem ser compreendidos como uma estratégia de formação complementar ao processo de ensino-aprendizagem devendo ser desenvolvido no ambiente de trabalho e acompanhado pelos professores dentro da universidade. A sua função na formação dos estudantes é a de propiciar que esses, de forma amparada, tenham acesso a realidade do mercado de trabalho e possam ser formados no que diz respeito as suas habilidades práticas (DOMIANI, 2009).

Existem duas modalidades de estágio, os “obrigatórios” e os “não obrigatórios”. A diferença entre eles é que o primeiro é condição para a conclusão dos cursos e o segundo é parte de uma formação complementar, no entanto, ambos são uma forma de ensino-aprendizagem voltados para o desenvolvimento profissional no âmbito da prática (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Independente do vínculo do estágio e da forma com ele se realiza, é consenso nas produções científicas sobre a temática que as atividades de estágio reverberam de modo significativo na formação dos estudantes. Esses efeitos, no entanto, podem se expressar de modo positivo, mas também, de modo negativo. Em face disso, nesta seção, apresentaremos um apanhado geral dessas reverberações destacando seus principais elementos.

Para Murari e Helal (2009), os estágios profissionais são uma ferramenta que propicia a aproximação entre as instituições de ensino, as organizações, os estudantes e a sociedade, desde que vinculado ao trabalho e à prática social, atendendo as necessidades do sistema educacional (capacitação discente) e do mercado de trabalho (mão de obra capacitada). Segundo dados colhidos em suas investigações sobre a temática, Caires e Almeida (2000) o contato do estudante com o mundo do trabalho na situação do estágio possibilita “[...] uma maior experiência e traquejo em termos da aplicação de competências ligadas à sua área profissional [...]”.

Conforme apresentam Evangelista e Ivo (2014), é por meio dos estágios que o discente obtém a chance de se relacionar de maneira profissional com membros das organizações e com outros colegas, vivenciando habilidades que são fundamentais para o desenvolvimento de qualquer profissional, como o trabalho em equipe e a capacidade de assumir responsabilidades.

Desse modo, os estágios profissionais vão além de um período de aplicação prática de conteúdo teórico, configurando-se como um processo vivencial de uma realidade de trabalho na qual o estagiário é colocado em uma posição de constante reflexão sobre sua ação no sentido de produzir um aprendizado eficaz (EVANGELISTA; IVO, 2014).

Apesar dos ganhos já indicados, Caires e Almeida (2000) sinalizam que o estágio, de modo algum, pode ser considerado como um período pacífico, sendo ele frequentemente atravessado por momentos de frustração e constantes questionamentos. Com isso, destaca-se que as experiências de estágio são em sua grande maioria desafiadoras e, por vezes, posicionam o aluno frente a sentimentos que podem influenciar o seu desenvolvimento durante o processo de avaliação. Ou seja, entende-se que essas experiências são significativas para as perspectivas de inserção futura do jovem em relação a sua profissão não só tem termos de habilidades técnicas, mas também no que diz respeito a emoções e afetos.

Como assinala Caires e Almeida, (2000) é nesse cenário que o aprendizado ocorre de modo efetivo. Para os autores, o contato com as exigências e desafios do contexto profissional conduz o estudante a uma mudança de perspectiva em relação aos seus conhecimentos, produzindo novos modos de subjetivação em relação a sua atividade, implicando desse modo na construção da identidade e na forma como o sujeito estabelece suas relações.

É preciso destacar, no entanto, que esse cenário de desafios nem sempre é benéfico. O excesso das situações desafiadoras convoca os estudantes a empenharem-se, cada vez mais, as suas atividades de estágio, prejudicando o aproveitamento acadêmico e produzindo uma sobrecarga de trabalho. Para Sancovschi, Fernandes e Santos (2009, p. 155):

[...] o empenho dos alunos nos estágios, embora seja reconhecido como importante para os resultados das empresas e para o aprendizado dos alunos, tem um custo. Os alunos que mais se empenham sentem-se mais sobrecarregados e estressados, e aproveitam menos o que a vida universitária tem para lhes oferecer.

Nessa perspectiva, Sancovschi, Fernandes e Santos (2010), categorizaram os impactos negativos do estágio em dois grandes grupos: um relacionado ao aspecto social, outro relacionado ao aspecto cognitivo. Na dimensão social, os autores apontam que ao inserir

o aluno no contexto do trabalho, o estágio tende a afastar o estudante do ambiente acadêmico distanciando-o, muitas vezes dos colegas de faculdade. Isso contribui para que o estudante envolva-se menos nos eventos acadêmicos, como grupos de estudos, pesquisas e projetos de extensão.

Já na dimensão cognitiva, é mister apontar que a inserção em estágios, sobretudo quando ocorre de modo prematuro, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de novos conhecimentos práticos, tende a provocar um corrente desinteresse pelos conteúdos teóricos. A vinculação ao curso assume a função de obrigatoriedade para a permanência no estágio, não um instrumento para a construção do conhecimento. Sobre essa discussão os autores comentam:

Por isso, esses alunos frequentemente se mostram desinteressados, apáticos, e indevidamente críticos nas aulas das disciplinas que não têm uma clara vinculação com o que trabalham. Eles assumem uma visão instrumental do estudo nas faculdades. O estudo é o preço que pagam para poder exercer uma profissão. (SANCOVSCHI; FERNANDES; SANTOS, 2009, p.144).

Outro aspecto relevante nessa discussão é a influência das condições socioeconômicas do estagiário sobre o seu percurso formativo. Segundo dados da pesquisa de Bardagi et. al. (2006), nas situações às quais o aluno necessita de uma fonte de renda, o estágio passa a figurar, para o jovem universitário, como um meio de sustentação. Sobretudo nesses casos, em que a dependência da remuneração financeira tende a ser mais forte, o estagiário tende a dedicar-se menos às atividades do curso.

Ainda nessa discussão sobre as contribuições dos estágios, é importante salientar que as consequências não são restritas aos estudantes, de modo que outros atores sociais estão envolvidos nesse jogo, tais como as organizações que contratam os estagiários e as instituições de ensino.

O estágio aparece como um fator de integração na empresa. Esta última transforma-se num ator estruturante da inserção profissional dos egressos do ensino superior, na medida em que a acolhida dos estagiários se inscreve na sua política de recrutamento e renovação de qualificações (ROCHA-de-OLIVEIRA, 2009, p.112)

Para Rocha-de-Oliveira (2009), ao servir de ligação entre escola/universidade e o mercado de trabalho, o estágio se torna uma prática fundamental, uma vez que traz benefícios para todas as partes envolvidas: a universidade, a empresa e o estudante. Do ponto de vista empresarial, os estágios são apresentados socialmente como uma forma pelo qual as empresas conseguem cumprir suas funções de responsabilidade social, promovendo um retorno à

sociedade pela contribuição na formação dos estudantes, sobretudo no contexto das ciências sociais aplicadas, tais como a administração.

Destaca-se ainda que a contratação de estagiários, sobretudo quando ela ocorre como estratégia de substituição de mão de obra regular, produz uma redução significativa de custos com relação aos tributos trabalhistas, uma vez que o vínculo de estágio não se configura como um vínculo empregatício. O empregador é dispensado da obrigatoriedade quanto ao pagamento de FGTS ou décimo terceiro, por exemplo.

2.2 Estágios acadêmicos: recortes históricos sobre a construção da atividade

Cientes da relevância do estágio para a formação profissional dos estudantes é pertinente que observemos como essa atividade têm se construído ao longo dos anos. Por esse motivo, nesta seção, apresentaremos recortes históricos que nos ajudem a compreender essa construção. Não objetivamos apresentar todos os elementos que influenciaram a transformação da atividade, mas destacar fatos, dentre esses elementos, que são significativos.

Para Colombo e Ballão (2014), o conceito de estágio que nos apropriamos hoje é resultado de diversas transformações, sejam essas legais, sociais ou políticas. Historicamente, os primeiros usos da palavra estão relacionados ao latim medieval e serviam para denotar um período de transição, uma estadia em período delimitado. Como instrumento formativo, o termo parece pela primeira vez na literatura por volta do século XVII. Os autores situam essa atividade como um período de residência na qual clérigos são preparados para assumir suas vocações.

Esse recorte nos permite situar que desde sua origem mais remota, o estágio sempre esteve vinculado a dois significantes principais, a transitoriedade e a formação. Ou seja, enquanto atividade, o estágio tem em sua gênese uma delimitação temporal que indica que a atividade é finita e a relação com a formação humana.

No Brasil, o estágio ganha maior respaldo com desenvolvimento industrial e com o aumento dos cursos superiores. Como serão mais bem destacado no capítulo seguinte, as mudanças no contexto de trabalho produziram transformações no perfil dos trabalhadores almejados pelas organizações. O modelo produtivo baseado na acumulação flexível ao orientar-se pelo enxugamento dos custos passou a exigir trabalhadores cada vez mais capacitados e nos quais pudesse ser identificado, além de características pessoais tais como o engajamento, a versatilidade e a flexibilidade, competências profissionais (MURARI; HELAL, 2009)

Essa realidade gerou novas demandas às instituições educacionais no que diz respeito à construção de competências profissionais nos alunos, em especial no contexto da formação superior. Desse modo, o desenvolvimento de competências profissionais passou a ser responsabilidade das instituições educacionais. Sobre essas competências, os autores comentam:

A respeito de competência profissional, Paiva (2007) destaca ser aquela em que o profissional mobiliza um conjunto de saberes diferenciados e que geram resultados em que é reconhecido individual (pessoal), coletiva (profissional) e socialmente (comunitário). Esses saberes formam as competências intelectual, técnico-funcional, comportamental, ética e política[...] (MURARI; HELAL, 2009, p.266)

Nesse contexto, os estágios ganham relevância e passam a ser uma via na qual essas competências profissionais poderiam ser desenvolvidas. Nesse interim, é pertinente destacar que o estágio surge no Brasil para atender a uma finalidade específica, a formação de trabalhadores dentro do contexto desenvolvimentista industrial. Esse fato contribuiu para que ocorram significativos embates entre os interesses formativos e os interesses do mercado trabalho. Esses embates suscitaram a necessidade de constantes formulações legais a fim de situar essa atividade (COLOMBO; BALLÃO, 2014).

Nesse sentido, desde a década de 1940, muitas normas e leis tentaram regular e por limites à prática do estágio, no entanto, somente em 1967, com uma portaria criada no contexto da ditadura militar, o estágio escolar foi instituído nas faculdades e escolas técnicas. Com essa portaria, determinou-se que o estágio deveria ser firmado em contrato onde estariam delimitados a duração, a carga horária, o valor da bolsa e o seguro contra acidentes pessoais. Apesar de essas garantias contratuais fornecerem certa segurança aos estagiários, os maiores beneficiários dessa relação contratual foram as organizações que estariam isentas de vinculação empregatícia e, por conseguinte encargos trabalhistas e sociais para esse público. Isto é, sob o manto da proteção dos estagiários, as empresas acumulam benefícios que driblassem a legislação (ADERALDO; MATOS; DUTRA, 2009).

Em 1977, por meio da Lei 6.494, surge a primeira legislação que busca delimitar o ingresso dos estagiários nas empresas, tendo em vista que as anteriores apenas tinham como objetivo regular as situações de trabalho já existentes. Apesar dessa finalidade, a Lei apresentava lacunas e não tornava claro quais seriam as condições para a prática dos estágios. Não houve a preocupação com a delimitação da carga horária da jornada de trabalho, tão pouco deixou claro o responsável pela supervisão do estudante (ADERALDO; MATOS; DUTRA, 2009).

Essas lacunas e imprecisões contribuíram para que, as empresas distorcessem a noção de estágio produzindo um conjunto de práticas que tendiam a desvincular o estagiário da sua dimensão formativa. Como destacam Colombo e Ballão, 2014:

Com isso, desvinculando a atividade de estágio do processo curricular escolar, o contratante determinava tarefas nada educativas ao estagiário, como: tirar fotocópias, ir ao banco (trabalhos típicos de contínuo), ou tarefas que não acrescentavam nada em termos de aplicação do conhecimento teórico. Ainda assim sem o acompanhamento de um supervisor, seja da empresa ou da escola. Ficava o estagiário executando, na maioria das vezes, tarefas repetitivas e simples; mera substituição de trabalho regular (COLOMBO; BALLÃO, 2014, p.178)

Por causa da falta de fiscalização e de uma legislação que protegesse os direitos dos estagiários, houve um aumento significativo no número de estudantes executando funções que não condiziam com suas atribuições como estagiário, disponibilizando horários para a realização do estágio que impossibilitavam a frequência às aulas, submetendo sua força de trabalho a condições insalubres e não remuneradas, entre outros (ADERALDO; MATOS; DUTRA, 2009, p7).

Construiu-se com isso um panorama de precarização das condições de trabalho. Esse panorama é reflexo não só das atividades as quais os estagiários eram submetidos, mas, também, do afastamento da formação que a rotina do estágio conduzia o estudante. A gênese dessas questões estava relacionada, sobretudo, a dificuldade na delimitação conceitual e legal do estágio como discute Colombo e Balão (2014). É diante disso, que a atual legislação sobre os estágios surge. Com promessas de reformular a atividade e garantir limites legais, a atual Lei se estrutura sobre duas mudanças principais, o tratamento diferenciado ao estagiário e o acompanhamento formal das instituições de ensino. Tais mudanças serão mais bem exploradas na seção seguinte

2.3 A Lei 11788: rupturas e continuidades

Após essa visão geral e histórica a respeito dos estágios, e um recorte histórico sobre a transformação da atividade, é pertinente que conheçamos o aparato legal que orienta essa prática na atualidade. A fim de facilitar a compreensão sobre a legislação atual optamos, ao invés de apresentar uma descrição literal da Lei, analisá-la observando rupturas e continuidades em relação às leis já descritas e exploradas na seção anterior.

Submetida ao Congresso Nacional em 2006 e aprovada após reformulações, a legislação mais recente sobre os estágios profissionais foi aprovada em 25 de setembro de 2008 e é referente à Lei 11788, conhecida popularmente como “lei dos Estágios”. A legislação esmera-se para apresentar à população nacional, limites legais que dão subsídios

para as atividades dos estágios e, dessa forma, busca delimitar conceitualmente a atividade e em seguida traçar as obrigações de cada uma das partes envolvidas.

Como uma das principais diferenças apresentadas, a Lei traz uma definição clara. Para fins legais, a partir dessa legislação, define-se o estágio acadêmico como:

[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Nessa definição, ganha destaque a ênfase no caráter pedagógico da atividade, uma vez que os estágios visam o aprendizado de competências próprias da atividade profissional, não representando, portanto, um vínculo empregatício, ressaltando o desenvolvimento do educando para a formação cidadã e do trabalho.

Outro ponto que ganha relevância é a formalização dos tipos de vínculo de estágio curriculares e extracurriculares. Apesar de essa distinção já ocorrer na prática anteriormente ao período da publicação da lei, a legalização dessas categorias permite que ambas sejam tratadas com as mesmas formalidades e que, portanto, estejam submetidas aos mesmos regimes legais. A distinção entre as duas categorias são assim delimitadas pela Lei:

§1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma. § 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória. (BRASIL, 2008)

Dentre as obrigações, a Lei 11788, estabelece que à instituição de ensino se vê obrigada a indicar um orientador, avaliar as condições do estágio, exigir relatório de atividades e zelar pelo termo de compromisso. Da parte concedente, celebrar o termo de compromisso, indicar um profissional para acompanhar o estagiário e enviar à instituição um relatório das atividades desenvolvidas pelo estagiário. Da parte do estagiário, não ultrapassar 6 horas diárias (30 semanais), duração máxima do estágio de 2 anos, direito a férias (30 dias) quando a duração for superior a 1 ano. Além disso, na hipótese de estágio não obrigatório, o estagiário poderá receber bolsa ou forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão. (BRASIL, 2008).

No que concerne à fiscalização, a Lei estabelece em seu Capítulo V, Artigo 15, que, observada a situação de irregularidade na situação de estágio, o vínculo configura-se como empregatício e, portanto deve ser submetido à legislação trabalhista e a instituição privada ou pública ficará impedida de receber estagiários por dois anos. Essa delimitação

legal, no entanto, abre margem para a ocorrência de irregularidade, uma vez que as punições apresentadas são frágeis. Tal fato contribui para o desvio das finalidades dos estágios, isto é, abrindo espaço para que essa prática seja cada vez mais utilizada como substituição de mão de obra e não como um ato educativo.

A aplicação da Lei não ocorreu de modo tranquilo e as mudanças geradas repercutiram nos postos de estágios. Acrescido a isso, pontua-se o contexto econômico e político para a vigência da Lei, a crise econômica entre 2008/2009. Esses fatores ocasionaram a demissão de 200 mil estagiários segundo Aderaldo, Matos e Dutra (2009).

Apesar dos significativos progressos gerados pela legislação, observa-se, em certo aspecto um cenário similar ao que propiciou a aprovação da Lei em 2008, o uso expressivo da mão de obra do estagiário como substituição de mão de obra regular, a desproteção do estagiário, e a desvinculação do estágio de sua dimensão pedagógica. Nesse sentido, é possível indicar que as delimitações pretendidas pela supracitada lei não conseguiram dar conta da complexidade que a categoria estágio representa.

Esse fato nos permite indicar que uma análise sobre essa categoria não é completamente preenchida somente por uma reflexão sobre suas delimitações legais, mas que pressupõe discussões mais apuradas sobre o estágio em seus dois contextos de interlocução, o mundo do trabalho e a formação superior. Por essa razão, na sessão seguinte nos debruçaremos a entender o estágio sob olhar da formação profissional, usando como lentes de análise as reflexões proporcionadas pelo campo da pedagogia, sobretudo da didática.

2.4 Os estágios acadêmicos como práxis

Como já fora explorado anteriormente, os estágios acadêmicos são correntemente definidos como um período de exercício prático dentro de um processo educacional mais amplo, a formação profissional. Ao assumir o signo de prática, o estágio, no entanto, tende a se afastar de aspectos teóricos que compõem a formação dos estudantes. Gera-se, desse modo, um estranhamento sobre que elementos compõem essa experiência. Fala-se por um lado de uma atividade laboral que não apresenta um vínculo empregatício, cujo valor de troca associa-se ao conhecimento adquirido e, por outro, de uma ferramenta pedagógica que se afasta do ambiente acadêmico formal e que se concretiza como uma atividade laboral.

É neste campo ambíguo que o estágio se posiciona. Por esse motivo, nesta seção, identificamos a necessidade de apresentar uma discussão mais aprofundada a respeito dos limites entre a prática e a teoria no campo do estágio. Optamos, para tanto, de lançarmos um

olhar pedagógico sobre a questão, por essa razão, priorizamos as reflexões trazidas por Pimenta e Lima (2006; 2017) sobre os estágios em docência para de modo ampliado compreendermos a categoria estágio como um todo. Cientes que a ampliação dessas reflexões estão situadas a um contexto específico, nas seções seguintes nos esforçamos para extrair das discussões propostas pelas autoras e seus interlocutores conteúdos que atravessassem a categoria estágio como ferramenta pedagógica.

2.4.1 Reflexões dos estágios como categoria pedagógica

Apesar do amplo espectro da representação do estágio, há elementos que podem coadunar para a compreensão dessa prática. Partindo desse entendimento, Pimenta e Lima (2006), lançam alguns olhares sobre as práticas de estágio no campo da docência e esses olhares podem ser tomados como referência para pensarmos as características da atividade como um todo.

Segundo as autoras, o modelo tradicional de estágio docente pressupõe a imitação de modelos, ou seja, o aluno constrói durante sua história de vida e em especial na sua formação, referências de profissionais a seguir. São construídos, também, a partir de experiências negativas modos inadequados de atuação ante as quais, frequentemente, o estudante tenta desvincular-se. Esse modelo tradicional segue uma ordem de ações que inicia com a observação de profissionais de referência, seguida pela imitação das práticas e findando com a reprodução. No processo de reprodução, estão envolvidos, além das variações que o cotidiano de trabalho proporciona e o modo de ser de cada pessoa que alteram a forma como as atividades são realizadas (PIMENTA; LIMA, 2017).

No entanto, esse modo tradicional, considerado por muitos como artesanal, apresenta algumas imprecisões. Dentre elas, destaca-se a imprevisibilidade do cotidiano de trabalho, que produz novas demandas ao estagiário a cada momento e o convoca a repensar suas práticas constantemente. Acrescido a isso, esse modelo pressupõe uma consciência crítica bem desenvolvida para que o estagiário consiga exercer sua atividade de modo efetivo.

Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco, observando-nos, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequados, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram (PIMENTA E LIMA, 2006 p.7).

Não é sempre que o estagiário, seja pela forma como se deu sua formação, seja pela sua pouca experiência, tem desenvolvido esse repertório crítico. Muitas vezes, o espaço

de trabalho não proporciona liberdade para esse exercício, tão pouco o estagiário possui o suporte necessário da instituição de ensino para tal. Isso acaba produzindo práticas de estágio que tendem a ter os seus sentidos esvaziados e que se limitam a reproduzir ações e modos de fazer cristalizados sem considerar aspectos que são oriundos do modo de ser de cada sujeito, tão pouco sem repercutir sobre a construção do conhecimento.

Outra lente para a observação dos estágios docentes é analisá-los como instrumento para a operacionalização técnica. Como refletem Pimenta e Lima (2017), as técnicas são consequências diretas do desenvolvimento tecnológico e científico das profissões, de modo que todas as áreas do saber (em menor ou maior grau) lançam mão do uso de técnicas como ferramentas para a atuação. A problemática reside quando os estágios utilizam-se exclusivamente da instrumentalização técnica como único meio. Como produto direto de uma teoria, a técnica não consegue abarcar toda a imprevisibilidade do cotidiano de trabalho, uma vez que representa um recorte da realidade em um dado período de análise.

Na contramão desse panorama, encontram-se os estágios docentes que Pimenta e Lima (2006) nomeiam como preenchidos de um criticismo vazio. São práticas de atuação que objetivam problematizar a realidade, apontar incoerências, mas tendem a não indicar planos de ação para a solução das demandas criticadas. Esse padrão de ação que, a nosso ver, apresenta uma perpetuação maior no campo dos estágios em docência e nas áreas das ciências humanas, acaba gerando conflitos no ambiente organizacional, proporcionando distanciamentos entre os saberes produzidos pelas instituições de ensino e os campos de trabalho.

Observando essa realidade no campo da docência, as autoras comentam:

Essa percepção traduziu-se em modalidades de estágio que se restringiam a apenas captar os desvios e falhas da escola, dos diretores e dos professores, configurando-se como um criticismo vazio, uma vez que os estagiários lá iam apenas para rotular as escolas e seus profissionais como “tradicionais” e “autoritários” entre outros. Essa forma de estágio gera conflitos e situações de distanciamento entre a universidade e as escolas, que justamente passaram a se recusar a receber estagiários; o que por vezes leva a situações extremas de secretarias de educação obrigarem suas escolas a receberem estagiários (PIMENTA E LIMA, 2017, p. 41.)

Se por um lado, a simples aplicação técnica não abarca a complexidade das práticas de estágio, por outro essa atividade não se sustenta sem fundamentação teórica. Ou seja, é possível pontuar a partir dessas reflexões que o estágio não representa somente uma prática, tampouco é somente teoria. Indaga-se então, sobre qual o lugar ocupado pelo estágio dentro de um processo de formação profissional.

2.4.2 Novos olhares sobre o estágio

Tendo como ponto de partida essas reflexões supracitadas, Pimenta e Lima (2006; 2017) lançam a proposta de compreensão do estágio como práxis em uma clara estratégia de superação da clássica dicotomia entre teoria e prática que percorre a formação profissional. São notórias as diferenças entre teoria e prática. Em relação aos sentidos empreendidos a cada um dos termos, observamos um antagonismo bem destacado, enquanto a segunda orienta-se a partir de uma contraposição ao estado passivo do sujeito, a segunda direciona-se a uma postura de reflexão.

Pimenta e Lima (2017) sinalizam que essas diferenças não são exclusivamente semânticas, mas representam espaços desiguais no contexto das formações. Muitos currículos estabelecem disciplinas que apresentam uma fundamentação teórica que pouco se relacionam com sua atuação prática no contexto da profissão. Em síntese, as autoras apontam que as disciplinas teóricas tendem correntemente a preparar o estudante para um futuro que está sempre por vir, mas que por vezes ainda parece pouco tangível.

Na dimensão oposta, ao pensarmos no estágio como atividade prática, dificilmente encontramos espaço para uma reflexão teórica mais aprofundada. Essa dificuldade tende a aproximar o estágio de uma atividade que apenas reproduz práticas consolidadas e as quais o estudante é treinado a fazê-las sem contribuições efetivas na construção do conhecimento e na formação dos estudantes

Nesse interim, Pimenta (1994), bebendo na fonte de teóricos marxistas, lança a compreensão de estágio enquanto práxis. Pires (1997) compartilha dessa reflexão ao destacar a necessidade da educação sair de uma reflexão do senso comum para uma discursão concreta sobre a realidade do processo educacional. Nesse aspecto, o método histórico dialético é defendido por Pires (1997) como um eficaz instrumento. Pires (1997, p.86) compreende por práxis: “como prática articulada à teoria, prática desenvolvida com e através de abstrações do pensamento, como busca de compreensão mais consistente e consequente da atividade prática - é prática eivada de teoria.”

Para Pimenta e Lima, (2017) a teoria molda a atividade humana, propiciando ao sujeito a criação de sentidos e significados singulares, permitindo, desse modo, a transformação da realidade. Segundo a leitura marxista das autoras:

[...] a práxis é a atitude (teórica e prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Portanto, não basta conhecer e interpretar o mundo teoricamente, é preciso transformá-lo (práxis). [...] a relação teoria e práxis é teórica e prática, na medida em que a teoria, como guia de ação, molda a atividade humana,

particularmente a atividade revolucionária; e teórica, na medida em que essa relação é consciente, pensada criticamente refletida, conforme Vásquez (1968) (PIMENTA; LIMA, 2018, p. 46).

Ainda nesse entendimento, é possível observar que a noção de práxis apresentada pelas autoras nos permite identificar o relevante papel do sujeito nesse processo, bem como destacar que os aspectos teóricos e a reflexão crítica como elementos significativos da práxis.

Na seara dos estágios acadêmicos, pensar em práxis significa considerar que essa atividade: “[...], ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis [...]” (PIMENTA; LIMA, 2017, p.46). O sentido dessa reflexão recupera no estágio seu status de produção do conhecimento, portanto, seu estatuto de ferramenta pedagógica. As autoras reconhecem no estágio, por meio do seu diálogo com a realidade, sua capacidade de contribuir para a produção científica e nesse sentido sua categoria epistemológica. “Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim objeto da práxis” (PIMENTA; LIMA, 2017, p.46).

Ressalta-se nesse sentido, o potencial reflexivo do estagiário que nos permite deslocá-lo da simples aplicação técnica. Ainda nessa discussão, Pimenta e Lima, (2006), tomando como referência Sacristán (1999), consideram primordial apontar a inseparabilidade entre teoria e prática, também no plano subjetivo dos sujeitos, indicando o diálogo entre a história de vida de aprendizados dos sujeitos e suas ações.

Assim, a teoria, além de seu poder formativo, dota os sujeitos de pontos de vista variados sobre a ação contextualizada. Os saberes teóricos propositivos se articulam, pois, aos saberes da ação dos professores e da prática institucional, re-significando-se sendo por eles re-significados. (PIMENTA; LIMA, 2018, p.53)

Pires (1997) ressalta que, em alguns momentos da formação profissional, a aprendizagem de habilidades técnicas e operacionais faz-se necessário, contudo é preciso termos como pressuposto que o processo educacional é mais amplo, não podendo limitar-se à dimensão prática. A construção da formação, desse modo, implica em uma totalidade, a formação profissional deve “educar pelo trabalho e não para o trabalho” (PIRES, 1997, p.91), considerando esse último em seu aspecto filosófico como ferramenta para a humanização.

Diante dessas reflexões, parece-nos fundamental a discussão na construção de uma práxis no estágio. Não há como considerarmos o estágio enquanto ferramenta pedagógica tomando-o exclusivamente sob o olhar da prática trata-se de uma postura reducionista. Por essa razão, nessa pesquisa, ancorados nessas constatações, adotamos a proposição de que o

estágio deve ser entendido como espaço de transformação da realidade, mas também de construção de conhecimento.

2.4.3 Os estágios enquanto objeto de investigação

Ainda tomando como referência essas reflexões, Pimenta e Lima, 2017, põem relevo sobre a importância do estágio a partir do seu olhar enquanto *práxis* do cotidiano. Segundo as autoras, ao afastar o estágio de uma postura puramente de aplicação prática e distanciada de uma postura teórica e aproximá-lo da noção de *práxis*, duas novas nuances surgem ao estágio, os sentidos e o seu estatuto epistemológico.

Pimenta e Lima (2006) defendem que: “[...] o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental”. A construção desse campo de conhecimento dá-se na interlocução entre os cursos de formação e o campo onde as práticas de estágio ganham corpo. Além disso, as transformações no mundo do trabalho e a propagação de vínculos atípicos serviriam para apontar a questão do estágio, enquanto instrumento de formação profissional, como problema social da contemporaneidade que esmera investigações mais aprofundadas (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Autores apontam que:

É a atividade teórica que possibilita que se estabeleça de modo indissociável o conhecimento crítico da realidade e o estabelecimento de finalidades políticas de transformação. Mas a atividade teórica não transforma a realidade, ela permite sentidos e significados para essa transformação que só se dá na *práxis* (PIMENTA; LIMA, 2017, p.47).

É nesse sentido que o estágio torna-se uma evidente ferramenta no processo de formação profissional. Esse é um matiz fundamental em nossa pesquisa, tendo em visto nosso interesse em compreender de que modo as experiências de estágio reverberam na construção dos sentidos do trabalho em estagiários.

Ainda diante dessa discussão, Evangelista e Ivo comentam: “Medo, ansiedade, apatia para com os profissionais da instituição são sensações que acompanham o discente em todo o seu percurso no estágio supervisionado, muitos desses sentimentos talvez nunca experimentados antes” (2014, p.124) O conceito de estágio como *práxis* do cotidiano conduz o estagiário para a postura de um ator reflexivo que constantemente é convocado a pensar sobre sua atividade e a construir sentidos e significados sobre sua atividade.

Não se pode negar que, ao passo que o estágio atende a uma finalidade pedagógica a forma como ele se realiza é atravessada pelo trabalho, sendo apresentado muitas

vezes como uma das primeiras experiências laborais ao jovem. Diante disso, buscaremos compreender nas seções seguintes de que modo se dá a interlocução do estágio com a inserção do estudante no mundo do trabalho.

2.5 Os estágios profissionais como possibilidade de inserção profissional

A passagem das instituições formativas, como a universidade, para o mercado de trabalho é representada, de modo quase unânime, como uma das maiores expectativas do jovem estudante desde os primeiros contatos com o curso escolhido. Conforme levantamento realizado por Bardagi *et. al.* (2006), a inserção profissional é apontada como um dos principais elementos que influenciam na satisfação do jovem com a profissão.

Apesar das expectativas produzidas, o final da formação e a inserção no mercado são atravessados correntemente pelo sentimento de insegurança com relação a eficácia da sua formação e de angústia com o cotidiano de trabalho que o aguarda. A competitividade do mercado de trabalho e a queda do trabalho formal são algumas das características que colaboram para a emergência desses sentimentos (BARDAGI *et. al.*, 2006).

Esse cenário nos permite indicar que a inserção profissional representa um campo amplo que esmera uma atenção mais apurada e com a qual o estágio parece guardar grande articulação. A relevância de estudar esse período é reforçada não só pelas implicações psicossociais que o momento reverbera no indivíduo, mas também pela remodelação que esse período da vida de muitos jovens têm passado em consequência das constantes transformações ocorridas no contexto sociolaboral. Por essa razão, no trajeto da nossa discussão, julgamos necessário compreender melhor esse construto a fim de que entendamos quais articulações são possíveis entre ele e nosso campo de investigação, os estágios acadêmicos.

2.5.1 O conceito de inserção profissional

Rocha-de-Oliveira (2009), em sua pesquisa de doutorado, aponta que o termo inserção profissional é de origem francesa e seu uso intensificou-se para denotar o período de transição da escola para o mundo do trabalho. O autor indica ainda, a partir de suas leituras de diversos autores franceses (dentre esses se destacam Vernières, 1997; Vincens 1996; Galland, 1990; 2000; 2007, Dubar, 1991; 1994; 2001), que há três abordagens para apreensão desse conceito, são elas: a econômica, a sociológica e a construtivista. Compreender cada uma delas

revela-se como uma ferramenta primordial para tecermos relações entre o estágio e o processo de inserção profissional.

Segundo Rocha-de-Oliveira (2009), tomando como referência as pontuações de Vernières, a utilização do termo no contexto francês, como já indicado, servia para demarcar o período entre a saída da escola e a inserção no primeiro posto de trabalho. O interesse na utilização desse termo no contexto francês é, sobretudo, a demarcação sobre as populações produtivas e desse modo estabelecer mecanismos de controle da mão de obra. Nesse contexto, é importante salientar que o conceito exclui desempregados que buscam emprego, pessoas que estão em inserção tardia e demarca os sujeitos que nunca participaram da população economicamente ativa em um vínculo empregatício.

É importante salientar que inserção profissional, na perspectiva da abordagem econômica, apresenta algumas limitações e dentre essas a relação evidente entre as transformações sociais e seus impactos sobre o conceito. As transformações no mundo do trabalho, evidenciadas na crise no emprego, permitiram a ampliação dos vínculos de trabalho, propiciando novas modalidades laborais tais como as terceirizações e o trabalho informal. Essas mudanças impactaram significativamente sobre o processo de inserção profissional, proporcionando a institucionalização de novos modelos de inserção, seja pela emergência de novas regras de estágios, seja pela criação de políticas públicas que assegurassem essa transição (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009).

Esse cenário laboral reconfigurado proporcionou um alongamento da inserção, seja pela dificuldade de inserção profissional, seja pela existência de outros tipos de vínculos. Desse modo não é possível relacionar a inserção profissional à simples troca de lugar de estudante para o de trabalhador formal sem criar as conexões com as mudanças da sociedade. Diante disso, parece-nos evidente que uma abordagem econômica sobre a inserção profissional apresenta uma visão limitada e que pode ter atendido às suas demandas nos séculos passados, no entanto, no contexto atual, em face às reconfigurações laborais, não consegue abarcar a compreensão sobre esse período. Não é possível o desenvolvimento desse conceito sem considerar os aspectos que marcam as problemáticas sociais (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009, p. 96). Ainda nessa discursão, o autor comenta:

Acredita-se que a noção de inserção profissional não deve estar limitada à compreensão do momento de entrada dos indivíduos no mercado de trabalho após a sua passagem pelo sistema de educação/formação. A inserção é um processo marcado por uma diversidade de elementos, ao longo do qual se configura uma dada situação profissional que desempenha um papel estruturante e/ou estruturador no desenvolvimento da vida produtiva de cada indivíduo.

Assentada sobre essa crítica, a abordagem sociológica se propõe a apresentar novos olhares para a discussão. Nessa perspectiva, põe-se destaque sobre o sujeito como protagonista no processo de inserção, tomando como cenário o contexto social que influencia diretamente as transformações na esfera do trabalho. Nesse sentido, essa abordagem abre espaço para uma multiplicidade de formas de inserção, nas quais as empresas, o governo entre outros atores têm um papel relevante. Considera-se nesse ínterim o alargamento desse processo bem como as múltiplas formas de inserção, com, por exemplo, o ingresso na informalidade.

De modo geral, dentro da perspectiva sociológica, considera-se o jogo dos diferentes atores (empresas, governos, organizações de recrutamento, etc.), bem como as mudanças econômicas e sociais na formação de diferentes modos de inserção. Assim, conceito de inserção dificilmente seria compreendido a partir de uma abordagem generalista, pois esta pode estar influenciada pelas ações e regras estabelecidas para diferentes grupos profissionais e pode ocorrer de modo distinto em diferentes regiões geográficas (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009, p. 101).

Trazendo novos elementos para essa discussão, Rocha-de-Oliveira, 2009 apropriando-se das ideias de Dubar (2001) propõe que a inserção seja entendida como um processo construído por atores sociais e instituições (escola, organizações e governos). Essa perspectiva é precedida de quatro constatações.

A primeira delas afirma que todo processo de inserção está inscrito historicamente numa conjuntura político-econômica e estabelece correlação direta com essa. A segunda indica que a inserção é dependente de uma estrutura institucional que estabeleça os mecanismos necessários para que esse processo ocorra, como as políticas públicas de primeiro emprego. A terceira advoga a dependência das estratégias dos atores, sobretudo os que estão em processo de inserção. Os estágios são um exemplo dessas estratégias. Por fim, a quarta deixa claro que as trajetórias individuais dos sujeitos estão organizadas por desigualdades sociais no que se refere ao acesso ao capital cultural (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009).

De fato, é preciso destacar, diante reflexões dos autores, que o termo “inserção profissional” carrega junto a si sentidos múltiplos que socialmente se construíram a partir da interlocução com aspectos advindos dos contextos econômicos, sociais e políticos (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI, 2011). Essas interlocuções, que tendem a se apresentar como coletivas não estão apartadas das experiências individuais dos sujeitos.

São experiências individuais no que diz respeito às suas escolhas profissionais e são coletivas no sentido que essas escolhas não ocorrem ao acaso, tampouco estão desconexas das escolhas do grupo ao qual esse sujeito vincula-se, bem como aos elementos institucionais.

Nesse sentido, ancorados na perspectiva de Rocha-de-Oliveira e Piccinini, (2011), consideramos o inserção profissional como processo histórico que se desenvolve ao mesmo tempo em interlocução com aspectos individuais e coletivos e que se encontra inserido em um dado contexto econômico e cultural.

Ainda nessa reflexão, Rocha-de-Oliveira (2009), pontua que diversos elementos marcam a inserção que desempenham um papel estruturante no desenvolvimento da vida produtiva de cada indivíduo.

2.5.2 O estágio como ferramenta de inserção profissional organizada

Como nos esclarece Rocha-de-Oliveira (2009), tomando como referência Piconez, não é possível refletir sobre os estágios profissionais sem incluí-los em uma categoria mais ampla, a inserção profissional. Nesse sentido, o estágio torna-se o momento de descoberta de significados sociais articulados ao trabalho que permeiam a sociedade em que o jovem se insere. Desse modo, não faz sentido dissociar a formação teórica de uma atividade laboral prática e, por meio dos estágios, os jovens têm, muitas vezes, as primeiras oportunidades de ingresso no mercado, ou seja, essas contribuem para fornecer ao jovem melhores condições para pleitear vagas de emprego no mercado posteriormente.

Rocha-de-Oliveira (2009) aponta que a relação ente o estágio e a inserção profissional podem ser evidenciados em dois aspectos, a remuneração no primeiro emprego e a rapidez na inserção. Tomando como referência pesquisas realizadas na França, o autor indica que jovens que passaram por uma experiência de estágio inserem-se mais rápido no mercado formal, bem como possuem mais chances de terem melhores remunerações. Em algumas situações, o estágio já é um período do processo de seleção, ou seja, durante a atividade as competências do estagiário são avaliadas com a promessa de efetivação ao término do curso (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009, p.112). Sobre essa condição o autor comenta:

Esse período é um verdadeiro teste de longa duração, colocando à prova a motivação e competências do estudante, bem como suas qualidades de integração ao corpo de trabalhadores da empresa, permitindo ao empregador avaliar as características produtivas do iniciante e seu potencial de crescimento na empresa.

Outro aspecto que reforça a tese do estágio como instrumento de inserção profissional é a formação de rede de contatos. O estágio, ao posicionar o estudante no seio do mercado de trabalho, o coloca diante de outros profissionais da sua área (ou não), projetando o indivíduo para fora de seus grupos primários, propiciando assim uma ampliação do capital

social do discente (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009). Essas reflexões nos permitem indicar que o estágio antecipa ao jovem uma experiência de trabalho a qual ele só teria acesso, muitas vezes com o término da graduação.

Como indicam Sposito e Carrano (2003), em seu estudo sobre as produções científicas que têm com pano de fundo os universitários no Brasil, a categoria desemprego foi um aspecto recorrente nos trabalhos, ressaltando que a temática tem assumido grande relevância no imaginário juvenil. O estágio passa a apresentar-se como um elemento significativo nesse cenário, ao assumir o estatuto de estratégia de fuga para as ameaças de desemprego futuro.

Contudo, precisamos destacar que o cenário contemporâneo do mundo do trabalho cercado pela competitividade e constantemente ameaçado pelo desemprego contribui para que essa antecipação da experiência de trabalho deixe de ser uma possibilidade ao jovem, mas apresente-se como urgência, como forma de sobrevivência no mercado, colocando em desvantagem aqueles que não as têm.

A realidade da formação profissional aponta, no entanto, para um cenário curioso no qual se observa um aumento expressivo do acesso da população à formação superior e técnica, sem que se tenha assegurada a inserção desse público em formas estáveis de vinculação laboral (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI, 2011). Apesar do aumento dos postos de trabalho, esses são muitas vezes marcados pela precariedade e notoriamente inseridos em processo mais amplo de precarização das relações laborais. Não se pode, por essa razão, fazer uma discussão sobre os estágios acadêmicos sem considera-lo dentro de um processo mais amplo que são as transformações no mundo do trabalho.

Em suma, podemos destacar que o estágio, do modo como se apresenta na contemporaneidade, é marcado sob o signo constante da contradição, seja em relação as suas consequências, seja em relação a sua definição, seja pelas perspectivas teóricas que se debruçam sobre ele.

Em sua definição fala-se de uma ferramenta pedagógica que se aplica em um ambiente de trabalho. Coloca-se o estágio no intermédio entre a educação e o trabalho sem que ele possa assumir por completo um ou outro e sem que lhe apresente contorno determinado. Quanto às perspectivas teóricas, identificamos concomitante duas lentes de análise do estágio, pelo viés da educação e pela ótica do trabalho enquanto construto antropológico. No entanto, apesar desses campos do saber denotarem áreas diversas, no estágio, não possível encontrarmos com clareza em que momento um termina e outro começa. Esse fato sinaliza que um olhar sobre o estágio precisa compreendê-lo considerando a

amalgama educação-trabalho na qual ele se insere. Essa constatação fora observada por Rocha de Oliveira ao indicar que:

Torna-se praticamente impossível estabelecer o limite entre a formação do estudante e a atividade produtiva; ou seja, se os resultados obtidos pela empresa a partir do trabalho do estudante durante a realização do estágio resultam em maior aprendizado ou contribuam significativamente para o resultado produtivo da organização (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009, p.110).

No que compete às suas consequências, ao mesmo tempo em que se aponta a relevância da atividade para o desenvolvimento de competências profissionais e ao processo de inserção laboral, caracteriza-se o estágio como um campo atravessado pela presença de sentimentos de frustração, incerteza e insegurança. Além disso, nossas revisões de literatura apontam correntemente para um cenário de estágio permeado por elementos característicos da precariedade laboral. Tais elementos são indicados, sobretudo quando se aponta o estágio enquanto instrumento de flexibilização de mão de obra no contexto já marcado pela precarização.

É nesse cenário de estágio que o jovem é colocado e são essas contradições que muitas vezes acompanham o término de curso de muitos estudantes. Considerando o jovem como protagonista desse processo, torna-se fundamental compreender como ele vivencia essas contradições e, sobretudo, quais sentidos ele apreende. Tomando como referência o olhar da psicologia social do trabalho, no capítulo seguinte, buscaremos trazer uma compreensão ampla sobre o contexto do trabalho e como são construídos sentidos e significados nesse contexto.

3 TRABALHO, SENTIDOS ATRIBUÍDOS E ESTÁGIOS ACADÊMICOS

A relação do homem com o trabalho permeou e ainda permeia toda a história da humanidade. A psicologia, ao longo do seu desenvolvimento como ciência, tem apropriado-se do fenômeno do trabalho de diferentes formas (BENDASSOLI, 2011). O interesse da ciência psicológica articula-se ao fato do trabalho carregar consigo um bojo de significados que tendem a confundir-se com a própria vida do homem. Desse modo, a história do trabalho compõe-se pelas condições históricas e sociais as quais os sujeitos vivem e também pela história singular de cada trabalhador (DIAS, 2009).

Este capítulo tem como objetivo tecer elementos que darão suporte para nossas discussões futuras e situar o leitor sobre como o trabalho se organiza enquanto uma categoria simbólica de atribuição de sentido e também como fenômeno social. É preciso sinalizar, ainda, que uma leitura sobre o trabalho perpassa reflexões sobre sua centralidade e as transformações pelas quais essa categoria tem experimentado. Nesse sentido, apresentaremos o panorama geral do processo de precarização laboral, ressaltando que esse processo tem um papel norteador nos modos de organização na contemporaneidade.

No segundo momento, lançaremos algumas luzes sobre como os sentidos se vinculam à dimensão do trabalho, para, em seguida, tecermos breves reflexões sobre a construção dos sentidos do trabalho no âmbito dos estágios. Esse último configura-se como objetivo primordial do nosso capítulo e ponto principal para nossa investigação.

Entendemos que essas discussões propostas são tão complexas quanto as categorias que nelas se inserem (o estudo sobre a construção de sentidos e sobre o trabalho) e não pretendemos neste espaço delimitado, encerrá-la. Todavia, esse debate é parte essencial do nosso trabalho e faz-se necessário para que compreendamos a relação do construto “sentidos do trabalho” com nosso objeto de estudo, os estágios acadêmicos.

3.1 Trabalho: entre sentidos e transformações

3.1.1 Trabalho: uma categoria central

Os teóricos que tecem discussões sobre contexto laboral enquanto objeto de estudo, tais como Antunes (2005), Aquino (2008), Nardi (2006), Alves (2007), Bendassolli e Guedes (2014) apontam que a noção de trabalho que temos hoje é fruto de profundas

modificações que estão imbricadas nas transformações pelas quais as sociedades, sobretudo a moderna e a contemporânea, passaram.

Para Bastos, Pinho e Costa (1995), há dois eixos avaliativos para entender o trabalho durante o percurso histórico da humanidade. O primeiro que o associa à noção de sacrifício e de esforço e um segundo que o vincula a uma valorização e aplicação das capacidades humanas, tornando-se responsável pela própria constituição do homem. Enquanto o primeiro apoia-se na concepção de trabalho que parte das ciências naturais e o associa a um dispêndio de energia para a produção de algo, o segundo aprofunda-se na construção simbólica dessa categoria e a entende como uma relação social na qual a mediação humana é significativa.

A expansão da tecnologia e a gradativa utilização da máquina na realização do trabalho, que em outrora era competência exclusiva do homem, aliada aos estudos antropológicos das sociedades foram marcos significativos dessa delimitação entre trabalho e trabalhador e contribuíram para que essa atividade assumisse a posição de objeto de reflexão, na qual o sujeito é um agente consciente na relação laboral. (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014).

Como defende Morin, Tonielli e Pliopas, (2007), o trabalho configura-se como uma atividade que agrega valor, ou seja, cuja realização pessoal dos trabalhadores estabelece relação com a forma como o mesmo é realizado e como os resultados são alcançados.

Segundo Bastos, Pinho e Costa (1995), o sentido que atribuímos ao trabalho hoje é fruto de experiências que se revelam de ordem individual, influenciadas por crenças e valores, mas que não são apartadas da ordem social, isto é, do contexto cultural na qual as relações humanas se estruturam. Tais experiências contribuíram para que o trabalho assumisse o respaldo e a relevância que tem hoje. Essa relevância se expressa, entre outras coisas, pela sua centralidade na delimitação temporal da vida em sociedade e na legitimação das fases da vida dos sujeitos. Nesse ponto de vista, o trabalho é categoria central de análise da materialidade histórica dos homens, tendo em vista que se apresenta como base da organização social das relações de produção (PIRES, 1997).

Nesse sentido, como destacam Borges e Tamayo (2001), o trabalho é preenchido de sentidos individuais e sociais. Sua relevância estende-se para além do instrumento de subsistência, contribuindo na formação de sentidos existenciais, ou seja, constituindo-se como importante elemento na formação da identidade e da personalidade dos sujeitos. Tolfo e Piccinini (2007) apontam que o trabalho apresenta um significado compartilhado com o grupo social e um sentido que se vincula fortemente às vivências dos sujeitos. Desse modo, podemos

indicar que a vivência do laboral não se restringe ao ato de trabalhar. O vínculo com o trabalho envolve laços individuais e coletivos que estão relacionados ao desenvolvimento pessoal e ao pertencimento a um determinado grupo (THOME; TELMO; KOLLER, 2010).

Em suma, podemos indicar que o trabalho adquire um caráter central seja para os indivíduos, seja para a sociedade. Tal centralidade apresenta sua gênese ainda na infância pelas representações sociais positivas e negativas das profissões e pelos modelos parentais (SOARES, 2002). Por meio de um jogo de relações de sentidos e significados o trabalho assume a função de mediador simbólico nas relações humanas em seus múltiplos aspectos, individuais e coletivos. Entende-se, nessa perspectiva, o trabalho como uma atividade que se direciona concomitantemente para o sujeito, para os outros e para o objeto da atividade, produzindo uma transformação de si, dos outros e do mundo (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014). Ainda nessa discussão, Bastos, Pinho e Costa (1995, p. 29) pontuam:

De uma forma sintética, pode-se afirmar que o trabalho é uma importante esfera da vida, sendo elemento ponderável na definição da identidade dos indivíduos (algo inferido do nível de centralidade encontrado neste estudo); os motivos associados ao fato de trabalhar revelam a predominância da função expressiva (ter um trabalho interessante e auto-realizador) ao lado da função econômica (rendimentos e ganhos).

Desse modo, o trabalho tal como vemos na citação, assume um sentido que se revela ao mesmo tempo individual e coletivo (social) e se apresenta ao homem como um meio para a satisfação de necessidades como a alimentação e a moradia, mas também como um elemento primordial na construção da identidade dos sujeitos. De modo pessoal, a forma como o trabalhador realiza sua atividade estabelece relação com a maneira como percebe sua liberdade e sua autonomia. De modo social, o trabalho coloca o sujeito em relação com outras pessoas, possibilitando a resolução de problemas, a prestação de serviços e a transformação da realidade (MORIN; TONIELLI; PLIOPAS, 2007).

De modo ainda mais preciso, Borges e Tamayo (2001) sinalizam o significado do trabalho como uma cognição subjetiva e social, destacando desse conceito alguns elementos primordiais, como sua dinamicidade e multiplicidade. Nesse ínterim, qualquer investigação que busque compreender os sentidos do trabalho deve, acima de tudo, levar em consideração quais os laços culturais e afetos que incidem sobre, bem como quais interações são estabelecidas entre esses campos (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011).

É relevante destacar que o processo de construção dos sentidos no contexto do trabalho não se dá de forma unívoca para todas as pessoas. Há, nessa perspectiva, uma profunda relação entre as condições sociais dos sujeitos e os sentidos que esses atribuem as suas atividades (BORGES; TAMAYO, 2001). Não podemos, portanto, considerar que a

construção dos sentidos trabalho entre trabalhadores informais ocorra do mesmo modo que empregados formais.

Esse ponto revela-se fundamental em nossa pesquisa, na medida em que põe relevância a nossa investigação. As condições às quais é colocado o estagiário, apesar de algumas vezes aproximar-se das de um trabalhador típico, são bem diversas e tendem muitas vezes a serem atravessadas por contradições distintas de outros grupos, como já fora explorado no capítulo anterior. Diante disso, antes de qualquer construção teórica a respeito da construção sentidos no trabalho – de modo mais específico nos estágios acadêmicos -, faz-se necessário apresentarmos o cenário laboral contemporâneo que nos dará subsídios para compreender como esses sentidos são construídos.

3.1.2 Reestruturação produtiva e as transformações dos sentidos atribuídos ao trabalho

Antunes (2005) aponta que o mundo do trabalho contemporâneo é caracterizado de modo diferente de outrora, sobretudo quando comparamos o atual cenário ao do século XX. Tal transformação é reflexo de mudanças históricas na organização econômica, cultural e política das sociedades que reverberam em novos vínculos laborais, ou seja, novas morfologias do trabalho. Para Druck (2011), ao mesmo tempo em que surgem novas formas de trabalho, a contemporaneidade apresenta uma característica interessante, a multiplicidade laboral, isto é, nela coexistem novas e velhas formas.

O fim do século XX é marcado por uma crise econômica que apontava para a derrocada dos “30 gloriosos” e para o declínio de um modo de produção em série característica do Fordismo e do Taylorismo. Tal momento, forneceu as bases para a ascensão de uma produção orientada pela acumulação flexível que se personaliza no modelo *just in time* aos moldes do Toyotismo. Como aponta Druck (2011), nesse cenário, a busca insaciável pelo lucro é cada vez mais estimulada pela mundialização da economia, atribuindo ao capitalismo um viés global na qual o capital assume, cada vez mais, um caráter abstrato, destituindo-o do seu valor de uso.

A globalização e o avanço da tecnologia trouxeram nuances significativas a esse processo. Sob a égide da flexibilização espaço-temporal, o capitalismo tal qual conhecemos hoje, se estruturou, produzindo formas de trabalho diferentes do modelo de pleno emprego que encontrou no século XX seu apogeu. Sobre esse contexto Druck (2011, p.42) pontua:

Na era da acumulação flexível, as transformações trazidas pela ruptura com o padrão fordista geraram outro modo de trabalho e de vida pautado na flexibilização e na

precarização do trabalho, como exigências do processo de financeirização da economia, que viabilizaram a mundialização do capital num grau nunca antes alcançado.

No que se refere ao cenário político, a ascensão de modelos neoliberais criou um organização estatal baseada no embate ao modo de estado de bem estar social e na qual a intervenção do estado na economia é mínima. Socialmente, essas mudanças conjunturais, sobretudo em países subdesenvolvidos, criaram novas formas de trabalho que se caracterizam pela situação de precariedade e que acirraram ainda mais situações já desiguais tal como reflete Gonçalves (2001, p. 3):

Desta forma, as transformações não se dão com a mesma intensidade em todos os países e lugares, conseqüentemente, não determinam os mesmos aspectos e características na composição da força de trabalho em todo mundo, não a homogeneiza globalmente e sim a heterogeneiza cada vez mais enquanto força produtiva, complexificando a divisão social do trabalho a partir das condições já existentes, se de um lado cria uma força de trabalho extremamente bem formada e capacitada, de outro lado intensifica e acelera o aparecimento de novas atividades que exploram a força de trabalho precariamente, heterogeneizando suas classificações e qualificações sem no entanto, por em questão a lógica da reprodução ampliada capital, realizada na exploração do trabalho assalariado.

Esse processo descrito acima que se apresenta como uma reestruturação produtiva, fez surgir novas formas de trabalho que fugiam à lógica empregatícia e se notabilizaram como uma estratégia de sobrevivência dos trabalhadores frente às realidades de mercado e ao desemprego, características da era tecnológica do capital global (GONÇALVES, 2001).

Para Morin, Tonelli e Pliopas (2007), ao mesmo tempo em que se observam milhares de pessoas que têm que trabalhar excessivamente, os números de desemprego só crescem. Vê-se desse modo, a proliferação de vínculos de trabalho como o informal, o temporário, o terceirizado, entre outros que se intensificam e caracterizam-se pela situação de precariedade em termos objetivos e pela fragilização de vínculos trabalhistas legais. Isto é, a reestruturação produtiva, deu outras nuances as formas de trabalho que se caracterizam como precários.

Antunes (2010) sugere a utilização da expressão “classe que vive do trabalho” como alargamento do conceito marxista de ‘classe trabalhadora’ e como signo para representar os sujeitos em face desses processos de transformação no mundo do trabalho. Amplia-se, dessa forma, o conceito ao incluir nele a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, incorporando não só os trabalhadores assalariados, mas outros trabalhos produtivos e improdutivos.

Segundo Alves (2007), no contexto brasileiro a precarização do trabalho assume dimensões complexas que estão articuladas às raízes históricas do desenvolvimento do capitalismo, sobretudo no que se refere ao processo de industrialização tardia e à construção de uma sociedade desigual.

Alves (2007) continua essa discussão ao esclarecer distinções entre a precariedade e a precarização. Para o autor, a precariedade representa uma condição da força de trabalho como mercadoria, ou seja, reflete as condições – em certo aspecto estáveis – que se articulam à gênese do capitalismo. Para o autor, a precarização laboral representa um processo sócio-histórico na qual se diluem os direitos adquiridos pela luta de classes nas disputas sobre o capital. Nesse sentido, a precarização acirra a precariedade das relações laborais.

A precarização é um atributo modal da precariedade. É uma forma de ser sócio-histórica da condição ontológica da força de trabalho como mercadoria. Enquanto existir precariedade haverá possibilidade objetiva e precarização que pode assumir dimensões objetivas e subjetivas (ALVES, 2007, p. 115).

Dessa forma, compartilhamos das reflexões teóricas que compreendem a precarização enquanto “[...] processo engendrado no contexto das transformações do trabalho que visa debilitar e fragilizar os vínculos laborais, tendo por referência de superação o modelo de sociedade salarial que vigorou de forma quase hegemônica no século XX” (COELHO; AQUINO, 2009, p.286).

Aquino (2008) aponta que os efeitos dessa nova organização laboral precária são de ampla repercussão. Todavia, esse impacto não ocorre de forma homogênea entre os diversos grupos sociais, de modo que entre jovens, mulheres, e maiores de 40 anos esses impactos são mais incisivos. Tal fato se relaciona à condição de vulnerabilidade as quais esses grupos sociais estão vinculados em uma situação de disputa de mercado. Essa condição se expressa entre os jovens pela pouca experiência, entre as mulheres pela vinculação à possibilidade de maternidade e entre os mais velhos (maiores de 40 anos) pela diminuição do vigor físico para o trabalho. Sobre esse cenário Aquino comenta:

São os membros desses grupos que estão sujeitos aos efeitos diretos da crise do emprego, na sua dupla dimensão: dificuldade de encontrar emprego e também a dificuldade de encontrar bons empregos. Essa segunda dimensão implica horários inconvenientes, trabalhos pesados com baixa remuneração, falta de perspectiva frente ao amanhã e poucas possibilidades de reivindicação para alteração desse cenário (AQUINO, 2008, p. 175)

Ainda sobre essa discussão, Coutinho e Gomes (2006) apontam que a crise do emprego entre os jovens revela sua face mais perversa. Esses que nesse momento da vida, em boa parte das vezes, estão buscando uma qualificação e aperfeiçoamento veem prejudicadas não só sua colocação no mercado, mas a construção da sua identidade.

Dentre os efeitos significativos do processo de precarização, Aquino (2008) entende que a marginalização é um traço característico, sobretudo quando o mercado vende, por meio da mídia e de outros instrumentos de dominação, o ideal de “oportunidade de vida” que se assenta sobre a utopia que os esforços geridos pelos trabalhadores são garantia de conquistas. No entanto, esse ideal negligencia a realidade do mercado neoliberal que não é capaz de abarcar todo o contingente de pessoas que se esforçam. Tal realidade conduz a uma marginalização que segrega ganhadores e perdedores.

Todas essas transformações no panorama do trabalho favoreceram com que, cada vez mais ganhasse força a tese da negação da centralidade do trabalho. Antunes (1995) confronta essa tese ao sinalizar que, mesmo diante das novas morfologias do trabalho, não o destituíram da posição de modulador social, exercendo influência sobre as organizações sociais, sobre os modos de subjetivação e formação da identidade dos sujeitos (NARDI, 2006).

O cenário contemporâneo é demarcado pelo mecanismo de ampliação das formas de exploração do trabalho assentado sobre o discurso do desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação (ANTUNES, 2018). Ao passo que observamos a expressiva expansão do capital de serviços, podemos vivenciar o acirramento dos processos de precarização laboral. Nesse panorama, vemos ruir por meio do trabalho *on-line* a separação entre o tempo de vida e no trabalho, fornecendo as bases para o que Antunes (2018) nomeia como “nova era da escravidão digital”.

3.2 Sentidos do Trabalho

O cenário laboral descrito nas seções anteriores sinaliza uma realidade conturbada na qual o trabalhador é colocado seja pelos meios de vinculação formais - cada vez mais escassos – seja pelos mecanismos da informalidade. Ainda que de modo enfático Antunes (1995) defenda a tese da centralidade do trabalho, parece-nos obscuro com esse caráter pode ser defendido diante dos contextos supracitados da contemporaneidade.

Desse modo, para compreender melhor de que modo os sujeitos atribuem sentidos à sua atividade laboral, faz-se necessário que tenhamos clareza sobre o que delimitamos como

sentidos do trabalho. De modo mais específico, em nossa investigação, faz-se necessário fornecermos as bases conceituais para entender o processo da construção de sentidos no contexto de uma atividade tão singular e atravessadas por latentes contradições como o estágio.

3.2.1 Sentidos e significados: considerações conceituais

É vasta a bibliografia que tem como objeto de estudo a construção de sentidos e significados, sobretudo no campo das ciências sociais. Na psicologia, esses têm se revelado um rico instrumento de investigação uma vez que o processo de significação apresenta estreita relação com os modos de subjetivação e construção da identidade (BARROS et. al. 2009). Diante disso, nesse curto espaço distanciando-se da pretensão de esgotar todas as construções teóricas sobre a temática, apresentaremos as principais considerações teóricas e conceituais sobre os sentidos e significados.

Uma das maiores considerações sobre o assunto advém dos escritos de Vygotsky. O pensamento do autor surge em meio a um momento de crise da Psicologia no que se refere aos saberes hegemônicos construídos à época, a saber, o estruturalismo e a reflexologia. Para o autor, nenhuma dessas grandes bases conceituais conseguia abarcar por completo a complexidade do humano, revelando que os processos de subjetivação não poderiam ser reduzidos aos modelos das ciências naturais, tão pouco à construção de estruturas acabadas (BARROS et. al, 2009).

Vygotsky propõe, então, um novo modelo explicativo tendo como base o método histórico-dialético marxista na articulação entre dois fenômenos humanos, o pensamento e a linguagem. Em sua obra *Pensamento e Linguagem*, o autor lança subsídios para a compreensão dos processos psicológicos por intermédio da mediação semiótica e, nessa mesma obra, o autor apresenta o conceito de sentido. (VYGOTSKY, 1934)

Para Vygotsky (1934): “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada”, Em síntese, o autor ressalta que o sentido seja compreendido como um acontecimento singular do sujeito cuja gênese está vinculada às relações sociais.

Barros et.al. (2009) apresentam a diferenciação entre os conceitos de sentidos e significados trazidos por Vygotsky. Para eles, o significado articula-se a uma das zonas que o sentido assimila no discurso, permanecendo imóvel e imutável em face às transformações

desses últimos. Ressalta-se nessa discussão que os sentidos podem apresentar uma variedade de representações, mas não podem ser quaisquer uns, ou seja, sua produção ocorre na interface entre as sensações, os sentimentos e emoções as quais as experiências sociais do sujeito os proporcionam (SMOLKA, 2004).

Desse modo, não cabe à investigação psicológica a descoberta dos sentidos que se encontram cristalizados no sujeito, uma vez que esses não podem ser delimitados desse modo. Não podemos ter como pressuposto no processo investigativo que há um sentido puro ou já pré-definido a ser encontrado. Uma investigação com base construtivista social deve, diante disso, centrar-se não no produto construído, mas no processo que levou a essa produção. Dessa forma, interessa-nos mais do que delimitar quais os sentidos são formados, apreender quais as condições sociais e quais os afetos são envolvidos no processo de sua construção (BARROS et.al. 2009). Tomando como referência nossa investigação dos estágios acadêmicos, nosso intento deve ser analisar as condições que possibilitaram a emergência desses sentidos entre os estagiários em suas vivências com os estágios acadêmicos.

Na seara da Psicologia Social do Trabalho, apesar do pensamento de Vygotsky ter ampla penetração, a distinção conceitual entre sentidos e significados não é tão clara. Como conclui Tolfo e Piccinini (2007) alguns autores utilizam uma distinção, mas outros agregam esses conceitos com sinônimos, fato esse que tende a dificultar uma compreensão mais ampla sobre o campo de investigação dos processos de significação na dimensão do trabalho.

Uma das principais investigações realizadas foi a da equipe Meaning of Work International Research Team (MOW). Por meio de uma investigação quantitativa, o grupo objetiva descrever as variáveis que delimitavam o construto “Sentidos do trabalho”. O estudo do grupo trouxe inúmeras contribuições, fornecendo bases para outras investigações.

Para MOW (1987), o sentido do trabalho pode ser entendido como um construto de múltiplas dimensões que forma-se a partir de interação entre elementos advindos das experiências dos sujeitos e elementos advindos do ambiente. Os sentidos do trabalho influenciam a atividade laboral e estabelecem estreita relação com a produtividade no trabalho uma vez que afetam as crenças que os trabalhadores constroem em relação à atividade que desenvolvem. Os pesquisadores delimitaram ainda quadro dimensões do sentido do trabalho: centralidade do trabalho, normas sociais sobre o trabalho, os resultados valorizados do trabalho e a intensificação das regas do trabalho. Posteriormente, autores como Borges (1997); Bastos, Pinho e Costa (1995) apropriaram-se dos resultados do MOW e lançaram novas considerações sobre a temática.

De modo geral, guardadas as singularidades epistemológicas que distinguem os estudos, Tolfo e Piccinini (2007) indicam que, três variáveis têm sido consideradas privilegiadas nos estudos; a centralidade do trabalho, normas sociais sobre o trabalho e os resultados valorizados no trabalho. A primeira relaciona-se a relevância que o trabalho assume na vida dos sujeitos; a segunda articula-se aos aspectos éticos envolvidos no ato laboral; a terceira investiga as recompensas que se relacionam com a motivação para o trabalho.

Ainda para Tolfo e Piccinini (2007) correntemente, o significado associa-se ao entendimento social do que seja o trabalho ao passo que o sentido demarca uma experiência pessoal. Essa constatação serve de base para nossa investigação.

Apesar dessas construções, é preciso destacar que o trabalho é permeado por contradições que tendem a expressar-se em maior ou menor grau para cada sujeito, mas que sempre se fazem presentes nas trajetórias laborais. Nesse sentido, a investigação sobre o processo de construção de sentidos no trabalho não pode prescindir dessas contradições, de modo a considerar não só os discursos que são conferidos ao trabalho, mas também aqueles que não são ditos:

[...] os sentidos do trabalho são múltiplos, por vezes contraditórios, revelam a história de vida dos sujeitos e sua reflexão sobre o real. São processos complexos e por vezes antagônicos e/ou complementares. Os sentidos se metamorfoseiam, se transformam, na atividade discursiva, sobre aquele que fala e para quem fala, alteram diferentes posicionamentos de vida, distintas direções, que cruzam significados coletivos com sentidos pessoais e particulares na intertextualidade em que são produzidos (DIAS, 2009, 173).

As considerações trazidas pela autora na citação supracitada coadunam com as ideias discutidas por Barros et. al. (2009) e nos dão base para nossa investigação. Desse modo, ao elencarmos a vasta expressividade dos sentidos que são atribuídos ao trabalho, nesta pesquisa nos adentraremos no processo de construção desses, destacando as condições que possibilitaram a elaboração desses sentidos. Compreendendo ainda que nosso campo de investigação, como já demonstrado, é permeado por contradições, faz-se necessário que compreendamos quais condições permeiam essas contradições nesse processo de construção.

3.2.2 Em busca da construção dos sentidos do estágio

As considerações teóricas sobre os sentidos do trabalho nos auxiliam em nossa investigação, mas não conseguem abarcar todas as dimensões do nosso objeto de estudo, os

estágios acadêmicos. Pensar os sentidos do trabalho para um profissional no mercado – seja ele formal ou informal – é um dado, pensá-los na dimensão dos estágios acadêmicos é outro. Os estágios apresentam características singulares que precisam ser levadas em consideração nessa investigação, seja pela categorização da atividade – atividade de ensino, seja pelo público inserido nele – os jovens, seja pela duração do vínculo – temporário.

Como nos apresentam Morin, Tonelli e Pliopas, (2007), para os jovens o ganho financeiro proporcionado pelo trabalho representa uma dos principais elementos que contribuem para a construção de um sentido positivo no trabalho. Os autores destacam que, especialmente para esse grupo, a remuneração sinaliza a possibilidade de emancipação no que se refere à saída da casa dos pais e à construção de projetos de vida.

Nesse sentido, é preciso retomar que se o cenário do trabalho têm se apresentado de modo severo ao trabalhador, para o jovem esse tende a ser ainda mais difícil. Dias apresenta esse contexto ao analisar os dados de sua investigação:

Sobre o desejo de autonomia existe uma ânsia por liberdade e independência, e uma percepção de que o trabalho futuro trará isso em suas expectativas e projetos de vida. Seu pensamento, no entanto, é presentificado pelo discurso do desemprego e medo da não inserção, surge então uma secundarização dos sonhos mais ambiciosos com os de ter família e os filhos (DIAS, 2009, p.166).

Cadoná e Góes (2013), a empregabilidade tende a ser mais precária entre mulheres jovens com baixa escolaridade cujas famílias possuem renda menor, alocando o desemprego como uma temática recorrente no imaginário juvenil. Para os autores tão difícil quanto a inserção no mercado, é a permanência nesse, sobretudo em um contexto atravessado pela proliferação de vínculos cada vez mais débeis.

Como indica Coutinho e Gomes (2006), essa dificuldade está para além do impasse na inserção no mercado de trabalho incidindo em um aspecto mais amplo, como a construção da identidade do jovem em transição à vida adulta. Vieira (2006) reflete que na contemporaneidade a transição à vida adulta tende a ser cada vez mais demarcado por um processo de descentralização dos eventos da vida (saída da casa dos pais, o primeiro emprego). Essa desorganização coloca o jovem, por vezes, em um lugar no qual não se reconhece nem mais como jovem, tampouco como adulto.

Outro aspecto relevante a essa discussão é que, na maioria das vezes, o estágio tem uma localização temporal bem demarcada no processo de formação ao final do curso. É nesse período que se sobressaem as dúvidas e angústias com relação ao futuro profissional. Essa etapa que demarca uma transição da formação para a inserção no mercado, muitas vezes, põe em prova não só o aprendizado do aluno, como a escolha do curso e os sentidos que o

jovem construiu sobre sua profissão e os projetos de vida. Como indica Dias (2009, p. 165), “O passado é retomado no presente para projetar um futuro”.

Os projetos de vida são construídos nesse terreno incerto que circunda a transição. Para Dias (2009) os sentidos do trabalho entram em combate com o risco de não inclusão no mercado, conduzindo o jovem estagiário a situações cada vez mais vulneráveis. Em meio a esse contexto turbulento, sobressaem-se os discursos da máxima qualificação profissional como estratégia de resistência em face à veracidade do mercado que se aproxima e como esperança de inserção profissional (DIAS, 2009).

O estágio é eleito como um lugar eficaz onde essa qualificação pode ser evidenciada. Segundo Dias (2009, p. 167), “O sentido é complexo e o mercado de trabalho, é algo sem sentido, sem norte e sem direção, mesmo assim fazem suas escolhas profissionais em função deste imaginário mercado de trabalho”.

Outro aspecto interessante que é válido pontuar é a categorização da atividade. O estágio, apesar de situar-se no espaço de trabalho, ocupa um objetivo pedagógico no processo de formação. A inserção do estagiário no contexto de trabalho o possibilita ter acesso às outras dimensões da atividade que realiza e às quais ele não pode ter contato durante a formação. Como reflete Dias (2009) a observação do trabalho possibilita ao sujeito alterar suas percepções sobre a atividade, bem como reestruturar o discurso que ele tenha elaborado sobre ela. Nesse processo, o medo e sensação de insegurança são traços que acompanham o estagiário.

Diante dessas reflexões, constatamos que o estágio, enquanto atividade permeada por um processo de mediação simbólica, assim como em outros vínculos de trabalho (COUTINHO; OLIVEIRA, 2017), estão envolvidos processos de significação, isto é, o estagiário correntemente é convocado a elaborar quais sentidos permeiam sua atividade. Entende-se que essas experiências são significativas para as perspectivas de inserção futura do jovem em relação a sua profissão não só em termos de habilidades técnicas, mas, também, no que diz respeito a emoções e afetos. No entanto, esse processo de construção ocorre em um cenário laboral perpassado por um processo de precarização e no qual se sobressaem vínculos cada vez mais débeis. É nesse ponto que nos surge a indagação principal dessa pesquisa: De que modo as experiências de estágios reverberam na construção dos sentidos do trabalho em estagiários?

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresentaremos nossa trajetória metodológica desenhada em nossa investigação. Iniciamos delineando a problemática que delimita essa pesquisa e os objetivos que a orienta. Enunciaremos os principais procedimentos metodológicos realizados para a construção dos dados, destacando em seguida os elementos fundamentais que deram base para a análise dos dados. Por fim, traremos considerações a respeito das questões éticas envolvidas na investigação e suas possíveis contribuições.

4.1 O Problema e os Objetivos

O mundo do trabalho contemporâneo é atravessado por uma multiplicidade de fatores cujas consequências implicam diretamente no cotidiano dos trabalhadores. A prevalência de vínculos cada vez mais débeis, a flexibilização laboral e a diluição dos direitos trabalhistas, cada vez mais intensas, são marcas significativas dos cenários de trabalho na contemporaneidade (ANTUNES, 2010). O adoecimento e o sofrimento, por sua vez, revelam-se como evidências claras das consequências dessas características do atual cenário para a classe que vive do trabalho.

Essas características não estão limitadas somente à esfera do trabalho, mas impactam diversas áreas como a saúde e a educação. Essa última, sobretudo no campo da formação superior, tem correntemente recebido o ônus das transformações laborais. Um exemplo disso é a demanda pela máxima qualificação para o trabalho, notabilizadas pelo aumento expressivo dos cursos técnicos, profissionalizantes e especializações, cujos objetivos principais são a instrumentalização para o mercado e a conquista de títulos. A educação, por esse viés tende a transformar-se como uma máquina cuja função principal é a produção de engrenagens para que o capital funcione corretamente. Vê-se ruir, desse modo, os sentidos que o processo educacional poderia suscitar, sobretudo, no que se refere à formação humana e à consciência crítica sobre a realidade. De modo mais preciso, vê-se a derrocada do processo de humanização que a educação deveria viabilizar em detrimento ao fomento do processo de alienação como defende Pires (1997).

É nesse contexto que os estágios acadêmicos ganham proeminência, enquanto ferramenta de preparação para o mercado. Tendo por função a formação profissional, a socialização para o trabalho e o desenvolvimento dos aspectos afetivos em relação à atividade

realizada, o estágio é alocado no seio de um contexto laboral transpassado por fortes ataques às suas garantias legais. Vê-se um afastamento cada vez mais incisivo do estágio de suas funções precípuas no que se refere à formação acadêmica e uma aproximação do estágio pelo seu viés pragmático, enquanto possibilidade de pré-trabalho. Cada vez mais, presenciamos estagiários ocupando vagas que anteriormente eram designados a profissionais que foram destituídos, realizando atividades sem a devida supervisão ou sendo destinado a atividades que em nada contribuem para sua formação.

O estágio acadêmico é demarcado como território de contradições, no qual o estagiário não é um empregado efetivo, tampouco somente um estudante dentro da organização. Esses fatores reforçam a tese que o estágio acadêmico tende a revelar-se como um mecanismo de flexibilização laboral dentro de um processo mais amplo, a precarização das relações de trabalho (ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2009).

Um dos principais fatores que evidenciam essa tese é a transformação dos sentidos atribuídos aos estágios acadêmicos. É nesse cenário que se insere a problemática da nossa pesquisa. Levando em conta os fatores já discutidos anteriormente e aqui rememorados, esta pesquisa tem como questionamento de partida a seguinte sentença: “De que modo as experiências de estágios reverberam na construção dos sentidos do trabalho para os estagiários?”

Interessou-nos nessa pesquisa a problematização do contexto dos estágios acadêmicos, compreendendo que esses apresentam singularidades e contradições que os diferem de outras atividades e que influenciam diretamente a construção da identidade do jovem. Nossa via de acesso a isso foram os sentidos do trabalho que são elaborados pelos estagiários. No que concerne a este trabalho, partimos de um **objetivo geral** que busca **“Compreender de que modo as experiências de estágios reverberam na construção dos sentidos do trabalho em estagiários”**

E por **objetivos específicos** espera-se:

- Descrever quais sentidos do trabalho são construídos pelo estagiário em seu estágio;
- Analisar quais condições afetivas e sociais das experiências de estágio possibilitam a construção de sentidos do trabalho;

- Analisar quais relações que se estabelecem entre a aprendizagem e a inserção no trabalho que são mediadas pelos estágios.

4.2 Ferramentas metodológicas para a investigação dos processos de significação

Pesquisar, não representa um processo fácil e envolve múltiplos fatores, como o campo e as ferramentas metodológicas utilizadas. Como refletem Sato e Oliveira (2008), independente desses fatores, toda pesquisa é um ato político, ou seja, o pesquisador não parte de um lugar neutro, mas de uma posição ativa e deve orientar-se para a transformação dos contextos investigados. O pesquisador não pode nessa perspectiva ser tomado como um elemento externo ao campo, mas como parte integrante desse jogo de relações que compõem os cotidianos estudados.

Na esfera do trabalho, a Psicologia Social, ao fugir das perspectivas tradicionais que priorizavam os contextos formais de trabalho e debruçar-se sobre o trabalho em suas mais diversas formas, prioriza o trabalhador como elemento central. Nesse sentido, a defesa da Psicologia Social do Trabalho é a de dar voz ao trabalhador, fazê-lo refletir sobre o seu contexto de trabalho e dar-lhe instrumentos para produzir a transformação desses (SATO e OLIVEIRA, 2008).

Nesse processo, a investigação psicológica sobre os processos de significação revela-se como uma eficaz ferramenta metodológica para a investigação dos cenários laborais. Nessa empreitada, o processo de construção dos sentidos interessa-nos mais do que os sentidos que são construídos. Não desconsideramos a relevância desses últimos, mas sinalizamos que esses são reflexos de condições sociais e subjetivas das experiências dos sujeitos e, portanto transitórios (TOLFO; PICCININI, 2007).

A reflexão do processo de construção dos sentidos do trabalho precede do entendimento sobre as características do trabalho, as condições legais que o delimitam e o histórico dele. Diante disso, nessa pesquisa, temos por fio norteador o olhar do estagiário, sobre o seu estágio, compreendendo suas vivências e afetos.

4.3 Procedimentos metodológicos para a construção de dados

A escolha da natureza do estudo não é uma etapa fácil do processo de pesquisar, mas é uma decisão que se faz necessária, uma vez que é o ponto de partida para orientar todo o processo. O que se sabe é que, independente do tipo, a pesquisa não é atividade

desvinculada das características das pessoas que estão envolvidas no processo de conhecimento (GÜNTHER 2006). Ainda como aponta o autor, a opção de uma abordagem em detrimento de outra está relacionada a múltiplos fatores, entres eles, a aproximação do pesquisador a determinadas teorias, as características das variáveis, o contexto sociocultural, o tempo e os recursos para realização da pesquisa e a natureza do problema.

No campo da Psicologia Social do Trabalho (PST), a primazia dos estudos qualitativos resulta do fato desses possibilitarem no ambiente da pesquisa uma articulação de aspectos objetivos dos espaços pesquisados (RIBEIRO et. al., 2017). Independente dos procedimentos metodológico, os autores afirmam que as pesquisas em PST devem ter como base a perspectiva do trabalhador sobre a sua atividade. É o trabalhador àquele mais capacitado para falar sobre o seu trabalho, as dificuldades que nele encontra, bem como descrever afetos e sentimentos em relação a ele.

Nesta pesquisa, seguimos essas reflexões e elegemos um percurso qualitativo para a investigação nos estágios acadêmicos. Demos voz, nesse percurso aos estagiários, atores da atividade em análise.

Optou-se ainda pela utilização de entrevistas enquanto instrumental para construção de dados. Tal opção justifica-se, pois, esse instrumento revelou-se como uma eficaz ferramenta para a investigação dos fenômenos cotidianos. Por meio do discurso do entrevistado, o pesquisador pode ter acesso a valores, normas e símbolos, transmitindo o repertório compartilhado pelo grupo ao qual se insere (MINAYO, 1994). Como nos esclarece Bardin, 2017, a entrevista revela-se como recurso ao qual é possível que o pesquisador tenha acesso a expressão de sentimentos, representações e processos cognitivos do entrevistado em uma dada situação. A fala, tal como indica a autora, permite que o sujeito traga à tona um conjunto de significações que são resultado das experiências do sujeito em relação à si e aos pares e ao contexto social ao qual vincula-se (BARDIN,2016).

Há várias modalidades de entrevistas, no entanto três modalidades ganham maior destaque nas produções acadêmicas, as estruturadas e as semiesturadas e as livres. Guardadas as diferenças conceituais, todas têm como objetivo colher o discurso de um determinado sujeito a fim de apreender suas principais significações (BARDIN, 2016). Dentre as modalidades de entrevista, a de caráter semiestruturado apresentou-se como a mais pertinente ao contexto da pesquisa.

A entrevista semiestruturada é, para Minayo (1994), um método no qual estão combinadas perguntas norteadoras que dão margem para que o entrevistado possa discorrer sobre a temática sem prender-se a uma única indagação. Desse modo, ao mesmo tempo em

que fornece espaço ao entrevistado para que esse apresente um discurso mais livre, o interpela com questionamentos do pesquisador, possibilitando a flexibilização do diálogo. (SANTOS; OSTERNE; ALMEIDA, 2014). Desse modo, é possível abarcar as impressões dos sujeitos com os estágios, bem como ter acesso às características objetivas dessa atividade, carga horária, remuneração, atividade desenvolvida.

Planejou-se o recrutamento dos participantes a partir da participação voluntária após a divulgação da pesquisa nos grupos de estágio do *facebook* da Agência de Estágios da UFC, contudo, devido a baixa aderência optou-se pela escolha intencional de alguns participantes que, por conseguinte, foram indicando os demais, utilizando o recurso metodológico da “bola de neve” (do original *snow ball*). Por se tratar de uma pesquisa de base qualitativa, não houve precisão na elaboração da amostra e o número de participantes da pesquisa foi delimitado pelo critério de saturação. Para Minayo (2008), a saturação diz respeito domínio do pesquisador sobre a lógica do grupo pesquisado a partir da exaustão de informações.

Os critérios de inclusão para a participação da pesquisa é a vinculação como aluno aos cursos de graduação da UFC (Fortaleza) e a presença de um vínculo de estágio. Optou-se por não restringir o tipo de vínculo de estágio para os participantes, obrigatórios ou não obrigatórios. Essa escolha nos possibilitou estabelecer critérios de comparação e assinalar diferenças e aproximações, nos fornecendo uma visão ampliada da categoria. Optamos ainda por não delimitar os cursos ou as áreas pesquisadas. Essa decisão deve-se à lacuna que há na literatura de pesquisas sobre a temática dos estágios enquanto categoria compartilhada por várias áreas. Não houve ainda restrição quando ao vínculo de estágio ter sido concluído ou não. Essa situação nos dá condições para que experiências diversas tenham surgido, ampliando nosso campo de discussão. A escolha da UFC como lócus para a realização da pesquisa deu-se em razão da proximidade do pesquisador, do número expressivo de estagiários e a abertura da Agência de Estágios.

O instrumento, roteiro semiestruturado, (APÊNDICE A) foi construído abordando, temas como as condições para a chegada aos estágios (preparação, escolha e adaptação), o contexto para a realização da atividade (carga horária, atividades desenvolvidas, tipo de supervisão, valor da bolsa) as contribuições dos estágios na formação e o planejamento de futuro dos estudantes com relação à inserção laboral. Fazem parte do roteiro ainda, as dimensões apontadas por Tolfo e Piccinini (2007) como as mais privilegiadas nos estudos sobre a compreensão dos sentidos do trabalho: centralidade do trabalho, normas sociais do trabalho e resultados valorizadas do trabalho. O roteiro foi pré-testado com uma

entrevista que foi desconsiderada do *corpus* de análise. Com a autorização dos participantes, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Para o tratamento dos dados, optou-se pela Análise de Conteúdo na perspectiva da Bardin (2016).

4.4 Fundamentação teórica para análise de dados

Segundo Bardin (2016), a Análise de Conteúdo é uma metodologia de investigação que tem como intuito a descrição objetiva do conteúdo das mensagens, por meio de procedimentos sistemáticos. Desse modo, propõe-se uma decomposição da mensagem em unidades de análise que podem ser interpretadas qualitativamente ou quantitativamente.

Para Bardin (2016), a Análise de Conteúdo compreende o tratamento de dados a partir de uma organização que segue critérios bem estabelecidos estruturados em etapas. Didaticamente a autora organiza o processo de análise em etapas.

A etapa inicial corresponde à pré-análise e propõe, a partir de uma leitura flutuante, uma organização do *corpus* da pesquisa que tem como finalidade a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação de hipóteses e a formulação de indicadores que orientem a interpretação final. Essa fase pode ser caracterizada como um inventário que deve levar em consideração 5 aspectos; a exaustividade, exaustão do conteúdo sem restrição de alguma parte; representatividade, uma amostra que seja representativa da população; homogeneidade, os dados sejam referentes ao mesmo tema; pertinência, adaptação dos dados aos objetivos da pesquisa e exclusividade, um mesmo elemento não ser pertencente à mesma categoria. (BARDIN, 2016)

No segundo momento, codificam-se os dados que são transformados e agregados em unidade de registro, ou seja, temas, palavras ou frase. Nesse processo, deve-se considerar ainda, a frequência, intensidade, direção, ordem e co-ocorrência dos dados. Essas unidades serão agrupadas em categorias cujos elementos apresentem características comuns e que podem ser constituídas por critérios semânticos (temas), sintáticos (verbos, adjetivos e pronomes) lexicais (sentido e significado) e expressivo (variações na linguagem) (BARDIN, 2016).

Em seguida, Bardin (2016), propõe que se realizem as inferências. Essas são orientadas pelo esclarecimento dos polos de comunicação, ou seja, em estabelecer relações entre a mensagem, o emissor, o receptor e o contexto ao qual estão situados. Com esses esclarecimentos, é possível a descoberta de novos dados e temas, possibilitando a descoberta (ou não) de semelhante entre esses.

A relevância das inferências surge no momento da interpretação dos dados (fase posterior), uma vez que o pesquisador passa a ter acesso a mais informações contextualizadas para orientar suas análises, isto é, a busca dos significados dos enunciados. Essas interpretações não devem ocorrer no vácuo, mas serem apoiadas por um retorno ao referencial teórico (BARDIN, 2016).

4.5 Aspectos éticos e contribuições da pesquisa.

Destacamos que esta pesquisa alinha-se aos parâmetros éticos estabelecidos pela Resolução 466/12, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012) e à Resolução 510/16, que trata das normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, cujos procedimentos metodológicos envolvem utilização de dados diretamente obtidos com os participantes (BRASIL, 2016). O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado com o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 13650519.7.0000.5054. Ressaltamos, ainda, que obtivemos a aprovação da Agência de Estágio da UFC. A Agência de Estágio é a unidade responsável pelo intermédio entre os estagiários e as organizações contratantes, responsabilizando-se pela assinatura dos termos de compromisso e pela parceria com as organizações.

A pesquisa apresentou riscos mínimos aos participantes que estiveram vinculados ao possível constrangimento ocasionado por algum questionamento ou pela mobilização emocional que as perguntas do questionário podem causar.

5 APRESENTANDO E DISCUTINDO OS DADOS

Nesta seção apresentaremos os principais dados produzidos em nossa pesquisa de dissertação. Certos de que os dados produzidos, de modo algum, podem ser considerados isoladamente, articularemos também nessa seção, esses dados ao referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores. Como descrito anteriormente, os critérios de inclusão possibilitaram-nos uma diversidade nos perfis dos participantes e isso foi fundamental para a discussão que apresentaremos aqui.

5.1 Considerações sobre os procedimentos metodológicos para a produção de dados

Foram realizadas 9 entrevistas que tiveram com base o roteiro anexo no Apêndice A entre os meses de novembro e dezembro de 2019, tendo essas duração média de 35 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes. Algumas dessas entrevistas foram realizadas presencialmente nos campi da UFC e outras por vídeo chamada. Optou-se por esse último recurso por sugestão dos entrevistados, dadas as dificuldades de deslocamento dos estudantes até a Universidade e os impasses nas conciliações dos horários do pesquisador e dos estagiários. Ressalta-se que apesar dessa situação, após analisado o corpus das entrevistas, não observamos diferenças significativas entre a qualidade das entrevistas realizadas por meio de vídeo chamada e as realizadas presencialmente.

Aqui cabe abrir uma pausa nessa descrição inicial para pôr relevo sobre um elemento que vamos explorar posteriormente com as categorias de análise que é o afastamento dos estagiários da Universidade. A rotina dos estágios entrevistados muitas vezes os coloca como um cumpridor de obrigações na Universidade, afastando-o da vivência acadêmica e, sobretudo do seu espaço físico. Os horários dos universitários nos espaços acadêmicos são destinados a frequentar as aulas ou para cumprir as obrigações relativas ao curso. Como já apresentado e discutido nos capítulos teóricos, os estágios, muitas vezes colaboram para retirar o estagiário de vivências acadêmicas que são fundamentais para o desenvolvimento profissional, tais como o contato com os demais colegas de curso e outras atividades complementares importantes na formação dos mesmos, a ponto inclusive de constituírem créditos específicos nas estruturas curriculares (SANCOVSCHI, FERNANDES E SANTOS, 2009).

Retomando a apresentação dos procedimentos realizados na produção dos dados, destacamos que o perfil dos estudantes era composto em sua maioria por pessoas do sexo masculino (6 estagiários) e nenhum dos entrevistados descreveu autonomia financeira, de

modo que moram ou com os pais ou com amigos e sendo todos solteiros. A idade dos estagiários variou entre 21 e 36 anos e suas rendas familiares oscilaram entre 1 e 3 salários mínimos¹. No que se refere aos cursos dos estudantes, obtivemos uma representação de muitas áreas da Universidade, somando ao todo 9 cursos. Apenas três estagiários já haviam concluído suas atividades no estágio e estavam preparando-se para a conclusão do curso ou dedicando-se a outros processos seletivos de estágios. Esses dados são mais claramente explorados na tabela a seguir. Ressalta-se que os nomes listados são fictícios e preenchidos aleatoriamente com a finalidade de organizar o conteúdo das entrevistas.

TABELA 1: OS PARTICIPANTES

Participante	Idade	Sexo	Renda em salários.	Curso	Período do curso
Nicolas	21	M	1	Sist. Mídias Digitais	5
Ingrid	24	F	3	Eng. de Alimentos	9
Eric	23	M	3	Eng. de produção	10
Miguel	21	M	3	Eng. de Computação	8
Sabrina	36	F	1	Psicologia	10
Pedro	22	M	2	Ed. física	10
Ricardo	21	M	2	Pedagogia	7
Bianca	20	F	1	Farmácia	7
Davi	22	M	2	Administração	6

Fonte: elaborada pelo autor.

Quanto ao contexto dos estágios, apenas em dois casos o estágio era somente curricular, nos demais observamos situações de estágio não obrigatório que foi aproveitado como obrigatório ou casos de estágio somente não obrigatório. O valor da bolsa (quando havia) acrescido às demais gratificações (auxílio transporte e alimentação) oscilou entre R\$

¹ Considerou-se como salário mínimo o valor de base no ano de 2019, R\$998,00.

700 e R\$ 1314. A carga horária de dedicação ao estágio variou entre 12 horas e 30 horas (máximo permitido pela Legislação dos estágios). Quanto ao suporte oferecido, 8 estagiários relataram a presença de um profissional de referência no local do estágio e 7 afirmaram não terem supervisão permanente por professores de seus cursos. É importante destacar que, como nosso interesse esteve voltado para a experiência de estágio, reunimos em nossa investigação estagiários com atividades em andamento, mas, também, estudantes com estágio concluído. Na tabela a seguir (tabela 2), descrevemos um pouco do contexto de cada estágio, pondo ênfase no tipo de atividade desenvolvida em cada situação.

Tabela 2: Caracterização dos estágios

Participante	Valor da bolsa (R\$)	Carga horária	Contexto dos estágios
Nicolas	600	20	Realiza estágio remunerado em uma empresa de marketing. Chegou até o estágio por meio de um processo seletivo e atua com atividades de social mídia. Estágio em andamento.
Ingrid	500	20	Estágio remunerado em uma indústria de produção de alimentos de origem vegetal, é responsável pelo controle sensorial. Estágio em andamento.
Eric	1040	30	Estágio remunerado concluído. Atuava no controle dos processos de produção, sendo responsável pela produção de relatórios. Atualmente é funcionário efetivo no mesmo local onde estagiou.
Miguel	700	20	Atua em um laboratório para a produção de materiais adaptados para pessoas com deficiência. Estágio remunerado e em andamento.
Sabrina	0	12	Atuou como estágio obrigatório (não remunerado) na Clínica Escola de Psicologia realizando atendimentos individuais e em grupo. Estágio concluído

Pedro	-	-	Três estágios remunerados como professor em academias de ginástica na cidade de Fortaleza. O valor pago era variável estava condicionado ao número de alunos que se matriculavam na sua turma. Estágios concluídos.
Ricardo	723	30	Atua em uma escola particular como estagiário itinerante (remunerado) no acompanhamento de adolescentes com deficiência. Estágio foi renovado para 2020.
Bianca	---	12	Atua no Hospital Universitário da UFC no setor de controle de uso de antibióticos. Estágio voluntário, não remunerado e em andamento.
Davi	1314	30	Atua como estagiário remunerado no setor de inteligência de marketing em uma empresa de planos de saúde. É atualmente coordenador dos estagiários. Estágio em andamento devendo ser finalizado em breve.

Fonte: elaborada pelo autor.

No caso do suporte oferecido, vale ressaltar que a Legislação é enfática ao afirmar que a única distinção entre o estágio obrigatório e o não obrigatório é a acreditação para a conclusão do curso. Nas duas situações, o estagiário precisa ser acompanhado por um supervisor, tendo o relatório final como componente necessário para a avaliação. A ausência de supervisão denuncia situações que não se restringem a áreas específicas, mas à categoria estágio como um tudo, deslocando a competência da formação profissional aos supervisores de campo de estágio afastando o estágio de sua dimensão práxis como elemento basilar na produção do conhecimento.

5.2 Categorias

Depois de transcritas, iniciamos o processo de análise dos conteúdos das entrevistas com a leitura flutuante dos textos produzidos. Em seguida, fomos selecionando os conteúdos que mais se repetiam ao longo das entrevistas e àqueles que mais se alinhavam aos objetivos traçados para nossa pesquisa.

Por fim, os conteúdos foram organizados em categorias satisfazendo os critérios estabelecidos por Bardin (2016) tais com a exaustão do conteúdo, a representatividade, a homogeneidade, a pertinência, e a exclusividade. Diante disso, foi possível construir quatro categorias para análise dos dados. A primeira versa sobre a trajetória do estágio, considerando desde a inserção, o desenvolvimento e a avaliação do estágio pelo estagiário. A segunda apresenta os principais sentidos atribuídos pelos estagiários aos seus estágios. A terceira reúne discussões sobre o estágio em um contexto neoliberal de precarização laboral. Por último, a quarta busca compreender a relação entre os estágios e a construção dos sentidos do trabalho. Tomando como ponto de partida as categorias, nas subseções seguintes produziremos reflexões que as articulem com os referenciais teóricos destacados nos primeiros capítulos.

5.2.1 *Quanto custa um estágio? Apontamentos sobre a passagem do aluno pelo estágio*

Nesta categoria, buscamos reunir os conteúdos que atravessam o percurso do estudante pelo processo do estágio. A escolha do termo passagem deve-se ao fato que nessa categoria, iremos considerar um elemento primordial desse, a temporalidade. Ou seja, o fato do estágio ser uma etapa de um processo mais amplo, a formação, e com duração precisamente demarcada – duração máxima de 2 anos, como estabelece a Lei (BRASIL, 2008). Nesse sentido, interessou-nos compreender os elementos que atravessam a inserção do estagiário em seus campos, o desenvolvimento das suas atividades e a sua avaliação sobre sua trajetória considerando possíveis dificuldades e contribuições.

A inserção dos estagiários em seus campos de estágio foi descrita de vários modos pelos entrevistados, sendo apresentadas situações de procura ativa por vagas em grupos de anúncios, até as indicações diretas de colegas ou professores. Ressalta-se, nesse aspecto, a rede de contatos do estagiário como um elemento primordial para o alcance das vagas. A fala de Nicolas retrata uma dessas experiências.

[...] então, eu sempre tentava dentre as vagas de design a programação, mas algumas como eu busco uma formação mais geral, eles me pediam uma coisa mais específica e eu não conseguia. Aí eu cheguei nesse por... na verdade era sempre por grupos. Na verdade, o SMD tem um grupozinho de anúncio de vaga e eu vi que lá era um pouco parecido com o que eu estava exercendo na PROGRAD e ia acabar minha

bolsa na PROGRAD e eu identifiquei que eu tinha um pouco mais de vantagem nessa vaga, pela minha experiência na PROGRAD. (NICOLAS, 21, SIST. MÍDIAS DIGITAIS).

A rede de contatos, seja com a Agência de Estágio (que se encarrega pela divulgação das vagas), seja com os colegas, mostra-se como um elemento significativo para a aproximação com os postos de estágios, contudo a contratação não é sustentada por esse aspecto. Os conhecimentos adquiridos durante a formação, ou seja, as experiências curriculares (disciplinas) e as extracurriculares são fatores que se mostram imprescindíveis nessas situações. Isto é, o processo de inserção nos estágios tende a ser facilitado quando o aluno explora durante os anos iniciais as possibilidades acadêmicas, tais como, cursos, simpósios projetos de extensão e pesquisa. Esses elementos tendem a contribuir de dois modos: como experiência comprovada para o currículo e como um fator para o desenvolvimento de habilidades técnicas caras aos contextos profissionais.

Eles pediam conhecimento em dados, em análises de dados, como Access, como trabalhar em Excel. Ah... um pouco de linguagem, conhecimento de linguagem de programação, que eu tive acesso na bolsa também, na minha segunda bolsa. Na parte de processos foi conhecimento de processos, e... é só isso mesmo. (ERIC, 23, ENG. DE PRODUÇÃO).

A fala anterior destaca essa questão. Na situação, observamos que a organização contratante buscava o perfil de um estudante com capacitações bem definidas e não somente restritas ao ensino produzido nas disciplinas. Esse dado reforça a importância da pesquisa e da extensão como fatores que colaboram junto ao ensino para o desenvolvimento e capacitação de novos profissionais. O contexto político atual parece não compreender esse cenário, fato esse denunciado pelos cortes cada vez mais frequentes aos financiamentos de projetos de pesquisa e consecutivamente de extensão os quais as instituições de ensino públicas têm sofrido. A formação profissional perpassa pela extrapolação dos muros das universidades, contudo, antes da saída do aluno, é preciso que a própria instituição capacite esse aluno e a extensão e a pesquisa, são elementos fundamentais nesse processo. Esse fato é de conhecimento dos estudantes, que cada vez mais destacam a relevância dessas experiências. Ingrid relata isso no trecho abaixo.

Na verdade, quando eu entrei, eu bati em todos os laboratórios perguntando se alguém queria voluntário e só teve dois que abriram as portas que foi o de sensorial e o laboratório de carnes. [...] Porque na época da economia doméstica eu já era bolsista de monitoria e do PET. Então eu queria, né, me envolver mais com o curso. Eu já sabia que fazer trabalhos né, criar projetos era importante, então... Porque tem muito aluno que entra e fica sem fazer nada, só fica assistindo aula, não se envolve com muitas coisas, também participei de núcleo de pesquisa, né, que eu não vou lembrar o nome, mas é de açúcares e óleos (INGRID, 24, ENG DE ALIMENTOS).

Contudo, é preciso que tenhamos ciência que essa busca por capacitação apresenta uma limitação que está relacionada ao tipo de trabalhador sobre o qual falamos, o estudante. É compreensível que as organizações busquem nos estagiários alguma qualificação possível, contudo o estudante é profissional em formação, ou seja, cujo processo de assimilação de conteúdos e desenvolvimentos de habilidades ainda está em curso. É incoerente que o estágio, como espaço formativo para o desenvolvimento de experiências tenha como pré-requisito uma carga excessiva de experiências anteriores. Nesse sentido, a formação deve ser algo construído no estágio, não condição para sua realização.

No que tange às atividades desenvolvidas pelos estagiários, identificamos uma diversidade de tarefas e uma boa articulação entre essas e os cursos dos entrevistados. Contudo, esse fato não é garantia de satisfação para os estagiários, de modo de que alguns desses afirmaram não ter interesse em manter-se na área após a formatura. A fala de Nicolas exemplifica essa situação.

Então como ela é uma... ela quer fugir um pouco desse perfil de empresa de publicidade, o trabalho do social media ele é um pouco mais deixado de lado. Aí é aí que eu entro. Porque é uma das minhas principais atividades, que é um trabalho mais rotineiro pra empresa [...] Eu quero pegar esse estágio e, já partir... vamos dizer, que esse estágio é mais pro design, daí eu já quero embarcar um design de experiência, um desenvolvimento web. Na verdade, eu quero ser, conseguir atingir essa meta e ser um profissional bem generalista (NICOLAS, 21, SIST. E MÍDIAS DIGITAIS).

A atividade desempenhada pelo estagiário, muitas vezes, apesar de estar inserida no escopo da sua profissão, não é a atividade principal da empresa, isso colabora para que trabalho do estagiário não tenha tanta visibilidade e, portanto, não seja valorizado. Como indicam Silva e Texeira (2013), o caráter da atividade desempenhada pelos estagiários articula-se ao desenvolvimento do estudante, ou seja, quanto mais valorizada é a atividade, maior a chance de o estagiário engajar-se e maiores as chances para que o estudante construa sentidos positivos em relação a sua profissão.

Quanto às avaliações realizadas pelos estudantes acerca dos seus estágios, identificamos dois grandes grupos. O primeiro que reúne avaliações positivas, destacando contribuições da atividade para o desenvolvimento profissional do estudante e pondo ênfase a relevância do estágio nesse processo. O segundo grupo, aglutina as principais dificuldades vivenciadas pelos estudantes para o desempenho das atividades de estágio.

No campo das contribuições profissionais, destacamos as vivências do contexto da profissão, como elemento fundamental para o aperfeiçoamento de habilidades técnicas e para o desenvolvimento interpessoal. Essa temática foi recorrente em muitas entrevistas, contudo a fala de Bianca reúne esses aspectos de modo claro. No trecho a seguir, destacamos

dois elementos que são contribuições diretas para do estágio para a aluna, o aprendizado sobre novos medicamentos e a trabalho com profissionais de outras áreas.

Daquele medicamento X que eu nunca nem tinha ouvido falar na vida tá no tratamento do estágio, eu aprendo pra que serve, como ele age, essas coisas. Então, também um negócio muito importante da área da medicina porque eu acho tipo, pra equipe multiprofissional, ela tem que ter noção de como é que trabalha os outros profissionais, né? E nesse, nessa, nesse fator, eu acho muito importante o fato da gente tá ligado diretamente com o pessoal da medicina e da nutrição e da fisioterapia, por quê? Porque a gente, os métodos deles também, tipo como é que eles trabalham, como é que a gente pode adaptar isso pra farmácia, entendeu? É tipo, como se a gente tivesse aprendendo com eles, eu acho isso fantástico, porque a gente pode, além de fazer acompanhamento farmacológico, a gente pode tá orientando tipo, ah, eu conheço um fisioterapeuta, ou então tal coisa que a gente vê no prontuário, a gente olha, ah por causa disso, por causa daquilo outro, porque a gente também participa de visitas, que as visitas são tipo, todos os profissionais, a equipe multi, que se reúne e tipo debate sobre um caso. E aquele caso são vários fatores. Fator alimentar, fator farmacológico, tudo. Aí a gente envolve tudo e a gente aprende de um pouco cada né? Muito bacana isso (BIANCA, 20, FARMÁCIA).

A fala destacada reforça o estágio como instrumento para a produção e aplicação do conhecimento. O estágio ocupa na formação dos estudantes a função de mediador nas relações entre os estudantes e seus campos profissionais, ou seja, o estágio representa uma vivência que tendem a produzir no estudante reflexões sobre o seu processo de aprendizado e sua trajetória no âmbito da profissão escolhida, tal como discutiu Evangelista e Ivo (2014).

É possível destacarmos muitas contribuições do estágio para o desenvolvimento do estudante, contudo, quando questionamos os estagiários sobre as suas contribuições para o local do estágio, identificamos que os estudantes apresentam uma dificuldade para elaborar essas contribuições. A fala seguir retrata esse momento, nela Ricardo, responde ao questionamento sobre possíveis contribuições que ele tenha trazido para seu estágio.

Com certeza alguma coisa eu contribuí, com certeza, mas eu não consigo identificar. Então assim, como foi a minha primeira experiência eu estava muito mais como receptor no sentido de tá absorvendo aquilo que tá acontecendo, do que tá nessa questão do que realmente... Mas é claro que, mesmo a gente não tendo consciente, mesmo a gente não percebendo, a gente tá partilhando experiências, vivências. Eu acho que pelo o que eu ouvi de alguns colegas nos últimos dias, eu acho que isso também tem a ver com a formação, porque a formação de pedagogia, ela trabalha muito essa questão de ser um educador ético, consciente, empático e tal, foi que, algumas pessoas, colegas né [...] (RICARDO, 21, PEDAGOGIA).

Os estagiários em muitas situações são colocados em seus campos como receptáculos de um saber cuja soberania advém da prática e na qual não há espaço para discutir-se sobre a atividade realizada. Ou seja, é possível que o estágio contribua com para a

formação do profissional, contudo, raramente as instituições que recebem os estudantes estão disponíveis para acolher uma discussão que é produzida no âmbito da Universidade. O estágio nesse sentido afasta-se da sua dimensão de práxis no processo de construção conhecimento e aproxima-se de uma prática, muitas vezes por imitação de modelos e modos de trabalhar já cristalizados dentro das organizações, como já denuncia Pimenta e Lima (2017).

Quanto às dificuldades apresentadas, podemos sublinhar três mais recorrentes nos discursos dos estudantes. A primeira delas é a dificuldade em conciliar a rotina do estágio com a rotina acadêmica. O estágio demanda do estudante um horário fixo, um deslocamento e contribui para o cansaço mental e físico. O aluno que antes do estágio tinha obrigações com horários e demandas da universidade, vê-se obrigado a conciliar essas com as atividades do estágio e todas as condições necessárias para que a atividade ocorra, ou seja, o deslocamento, alimentação e horários de estudos. O trecho a seguir representa bem essa situação, nele Ingrid relata um pouco da sua rotina, destacando como tem administrado seus horários e deslocamentos.

É assim... No começo foi bastante difícil, por conta dos horários mesmo. Porque eu acordava, né? Aí ia pra aula 8h. Dependendo da aula, do horário que ela termina, se ela termina umas 11h, às vezes, dependendo do motorista, se era rápido ou não, aí eu ia almoçar. Aí eu conseguia pegar ônibus pro terminal e aí era uns 10 minutos pro terminal. Do terminal era uns 20 minutos até o ponto que eu pego outro ônibus. Então assim, eram três ônibus. Quando eu ia da aula, né? Aí às vezes, quando a aula terminava perto de meio-dia eu não consegui almoçar, eu ia direto se não eu perdia a hora. Por que eu não entro... Dia de sexta eu entro 13h, porque lá é até 16:30h o expediente e nos outros dias eu entro 13:20h. Então acabava que não dava tempo, porque também pego ônibus metropolitano de Caucaia e ele demora muito. Ele passa a cada 40 minutos, então se eu perdia um, o outro era só com 40 minutos. Aí na volta eu pegava carona com uma moça até o terminal e aí eu pegava um ônibus pra voltar pra casa. E aí como o ônibus também demora muito, às vezes ela ia me deixar na UFC e eu ia a pé pra casa, como é perto (INGRID, 24, ENG DE ALIMENTOS).

É interessante destacar na fala da estagiária que na rotina dela não está incluso o tempo para dedicação às demandas das disciplinas, tais como a realização de trabalhos e o estudo. Essa fala destaca um aspecto já apontado por Sancovski, Fernandes e Santos (2009) quanto indica que na tentativa de conciliar estudo e trabalho, correntemente o primeiro é posto em segundo plano em detrimento do segundo. Como já apresentado, o estágio retira o estudante do ambiente acadêmico e isso nem sempre é algo benéfico. A Fala de Ricardo destaca as consequências claras desse afastamento.

Analisei geograficamente, analisei o tempo que daria, fiz tudo isso. Mas, o prejuízo que eu posso dizer assim, é porque tem grupo de estudo, grupo de pesquisa, disciplinas, projetos por exemplo, PET, aí PET eu já não posso participar porque eu faço estágio. E tanto essa questão de ir participar de coisas que, coisas da faculdade que são remunerados você não pode, quanto estágio, quanto essa questão do tempo

mesmo. Por exemplo, eu quero muito PET, mas ele pede você todo. E aí eu queria o meu desejo, eu sempre gosto de fazer coisas além, então acabo fazendo optativa, fazer um projeto aqui, uma coisa ali, então nossa! se eu colocar o PET aqui, vou passar um ano no PET, vai ser “é o PET, mas é só o PET”, não vai ser mais nada, tenho que me dedicar totalmente a ele, e às vezes, até o PET pede coisas que seja de manhã, que seja assim... e aí não daria pra participar. então é essa questão, de eu tá no estágio mas poder participar de outras coisas. (RICARDO 21, PEDAGOGIA).

Como uma consequência direta desses dois elementos descritos anteriormente (o afastamento do espaço e das atividades acadêmicas e as alterações na rotina dos estudantes), os estagiários indicaram a diminuição do rendimento acadêmico como uma dificuldade intensificada após o início dos estágios. Os trechos a seguir caracterizam essa situação.

Bem, no período anterior ao estágio, o período acadêmico era bom, não era ótimo, mas era bom. Ahhh... no estágio ele ficou regular, e agora pós estágio que eu tô realmente trabalhando, é, só pra passar, basicamente (ERIC 23, ENG DE PRODUÇÃO).

Olha, no período anterior ao estágio, se eu for me dar uma nota de zero a dez eu me daria oito. Hoje se eu for me dar uma nota pós o estágio eu me dou, seis e meio porque realmente ... não consigo mais me dedicar mais totalmente a... aos estudos por conta que tem esse período de transição né (MIGUEL, 21, ENG DE COMPUTAÇÃO).

E eu falei até com a professora que é responsável, que tipo, eu não sei se eu vou continuar nesse estágio, sabe? Porque eu quero terminar o curso, então... Tu sabe que estágio atrapalha um pouco, né? (INGRID ENG DE ALIMENTOS).

O baixo rendimento acadêmico foi apontado como uma consequência direta dos estágios que, junto à alteração da rotina e ao afastamento do espaço acadêmico colaboram para agregar ao estágio uma carga de esforço. Para os autores Sancovski, Fernandes e Santos (2009) a gênese dessa questão surge de modo claro. Quanto mais intenso tende a ser o processo do estágio e quanto maior a dedicação do estagiário; maior a sobrecarga de cansaço e consecutivamente menor tende a ser o aproveitamento dos acadêmicos em suas atividades.

Um fato, contudo, ainda não nos parece claro, como o estágio que deveria ter função de formação pode contribuir para o prejuízo dessa? O ponto central nessa questão é não somente as consequências do estágio, mas as condições que levam a essas consequências, ou seja, quais as motivações que conduzem o estudante ao estágio nessas situações. Retomamos nesse ponto, uma discussão já apresentada, mas que carece ser lembrada. O estágio muitas vezes surge para o estudante como fonte de renda, como meio para manter-se e correntemente afasta-se da sua função pedagógica. Ao distanciar-se da sua função principal o estágio se descaracteriza e transforma-se em uma modalidade de trabalho a baixo custo, com reduzida carga horária e os estudantes tendem a sair dessa condição para aproximarem-se de um grupo de trabalhadores que vende sua mão obra.

Podemos denotar dessas reflexões, principalmente, dois pontos. O primeiro que o estágio tem inegável contribuição na formação dos estudantes e revela-se como espaço singular para a produção do conhecimento. O segundo é que esse mesmo campo é repleto de contradições advindas das condições que cerceiam a atividade. Diante disso, é possível situarmos que o estágio revela-se, sobretudo, como um espaço polissêmico e cuja compreensão dos sentidos aos quais ele elicia torna-se fundamental.

5.2.2 Os sentidos atribuídos ao estágio

A ideia central para a construção dessa categoria foi a de reunir nela as diversas construções atribuídas pelos estagiários as suas experiências de estágio. Antes de iniciar qualquer descrição, é preciso destacar que aqui agrupamos conteúdos de experiências diversas, mas que dialogam entre si. Essa diversidade é resultado principalmente das singularidades da área de cada participante, contudo é preciso ressaltar que nessa pesquisa não interessou-nos aprofundar o debate sobre contexto de cada profissão, mas considerar que a categoria estágio, enquanto ferramenta de formação para o trabalho, é comum às diversas áreas.

Uma das características mais marcante do estágio diz respeito a sua duração. Como já amplamente apresentado nos capítulos teóricos, o estágio apresenta uma duração máxima de 2 anos (BRASIL, 2008) e essa extensão pode ainda sofrer influência do tempo necessário a conclusão do curso, podendo reduzi-la. Essa característica surge no discurso dos estudantes como um elemento que ajuda a construir um significado sobre o estágio. Diante disso, a ideia do estágio como uma etapa, ou seja, uma atividade com início, meio e fim é presente no discurso dos estudantes, como podemos identificar na fala de Nicolas. “Eu encaro mais como uma etapa. Assim como foi a bolsa, eu encaro esse estágio mais como etapa de formação, não como algo fixo. Eu não pretendo ficar depois de formado.” (NICOLAS, 21, SIST. MÍDIAS DIGITAIS). A implicação dessa fala é observada diretamente nos vínculos desenvolvidos pelos estagiários, ou seja, sabendo que aquela atividade não deve se estender, o estagiário tende a criar vínculos cada vez mais frágeis. O estudante, nesse ínterim alinha-se a outros trabalhadores como o temporário e os terceirizados, elementos marcante das novas morfologias do trabalho no contexto da precarização laboral (MACHADO, SANTOS, GIONGO, 2016).

Outro sentido bem demarcado pelos estagiários é o do estágio como um espaço para o desenvolvimento de um discurso crítico. Para Davi, o estágio foi um espaço para o desenvolvimento de sua capacidade analítica sobre a realidade do seu contexto de trabalho, de relacionamento com os pares e de aprendizado sobre a profissão.

[...] uma capacidade analítica, capacidade de identificar fatos, identificar consequências de ações, qual consequência uma ação vai causar, vai causar no setor, vai causar pra empresa, vai causar pro cliente... a identificação de capacidade interpessoal melhorou bastante, a capacidade de se relacionar e de conversar, de expor ideias de forma mais clara. Kahn... além da capacidade técnica de manusear programas, planilhas com a prática de todo dia tem melhorado muito. Conhecimento de novos sistemas de informação, novos programas, novos softwares. Ah... conviver com... porque aqui no meu estágio, havia bastante relação com os gestores. E como a empresa é bem grande, eu conseguia ter acesso a gestores a nível Ceará, a nível Brasil, então eu conseguia ver o que era importante pra eles, como eles enxergavam processos e o que eles realmente davam importância (DAVI, 22, ADMINISTRAÇÃO).

O desenvolvimento da capacidade analítica é um forte indício que aquela experiência é transformadora no desenvolvimento profissional dos estudantes. Nesse aspecto, é possível recuperar o sentido dessa atividade como práxis do cotidiano, isto é, ao possibilitar a reflexão sobre o contexto de trabalho e a sua transformação, o estágio recupera sua função primordial como ferramenta de construção do conhecimento, como apontam Pimenta e Lima (2017).

O contato do estagiário com outros profissionais e empresas da sua área tende a fornecer ao estudante a possibilidade de desenvolver um repertório para interação com os colegas profissionais. Nesse processo, correntemente, o estágio coloca o estudante em uma espécie de vitrine para o mercado. Diante disso, é recorrente entre as falas a visibilidade que os estágios possibilitam aos estudantes. Na fala seguinte apresentamos um exemplo desse processo.

É, assim, é porque como é um mercado... Você pensa assim ó, como você faz Engenharia da Computação você consegue emprego em qualquer canto. Não é tão fácil. Porque no... no meu curso, no caso, ele é muito específico e fechado pra uma área, então meio que a gente conhece várias empresas que já... que trabalha naquele mesmo ramo e muitas vezes eles já entram em contato diretamente com a gente. Eu já recebi propostas de outras empresas, empresas muito boas por sinal, e que trabalham com outros segmentos, por exemplo: a empresa que eu recebi contato recentemente, a empresa de drones. Então, eles sempre tão de olho ali na gente pra ver se a gente já tá disponível pra trabalhar pra eles, pra verificar. Então, é algo que

não é tão difícil, entende? (MIGUEL, 21 ANOS, ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO).

No exemplo de Miguel, observamos a contribuição do estágio para a colocação diante das possibilidades de mercado. O estagiário ganhou visibilidade após desenvolver um software para pessoas com deficiência em seu estágio. O estágio e o seu produto, nessa situação foram mecanismos que possibilitaram ao aluno colocar-se no mercado com diferenciais.

Outro aspecto destacado pelos estagiários é a possibilidade do estágio fornecer ao estudante a oportunidade de vivenciar a realidade da profissão escolhida. Essa vivência é representada pelos estagiários como um ensaio, no qual os atores, (estagiários) dramatizam papéis que serão protagonizados após a formatura.

E como experimentação da área, e tipo, possível trabalho mesmo que eu vou querer pra mim que é a área hospitalar, eu decidi ir pra esse, esse estágio, né? Pra me conhecer melhor, saber como é que eu me adaptava ao ambiente, saber como é que eu lidava com as pessoas, sem falar que eu taria trabalhando o meu lado mais profissional, né? Porque é um estágio que a galera leva bem a sério as coisas lá, e... a gente realmente trabalha como se fosse algo de verdade, com contrato e tudo mais (BIANCA, 20 ANOS, FARMÁCIA).

A fala anterior destaca bem a ideia discutida. A estudante do curso de farmácia destaca a relevância do estágio para a vivência de um ramo de sua profissão, na qual pode experimentar a posição de uma farmacêutica. Segundo Silva e Teixeira, (2013), podemos caracterizar o ensaio que o estágio possibilita como um processo de adaptabilidade à carreira, ou seja, um conjunto de comportamentos que possibilita ao estudante explorar as possibilidades na medida em que se orienta para o futuro.

É pertinente destacar que nesse processo de dramatização coexistem erros e acertos, tornando o estágio um processo que de modo algum pode ser considerado pacífico. Como defendem Caires e Almeida, (2000) é nesse tensionamento entre erros e acertos que o aprendizado se dá de modo efetivo. São esses conflitos que mobilizam o aluno a posicionar-se e colocar-se no seio da profissão escolhida. O trecho a seguir, foi retirado da entrevista de Ricardo e destaca bem esse contexto de tensionamentos vivenciados pelo estagiário.

E eu fui passando esse ano, eu fui tendo experiências boas, experiências ruins, coisas que eu acertei, coisas que eu falhei e tal. Mas assim, eu me senti naquele espaço, eu acho que por não ter um profissional de referência, quanto um colega de referência, que seja da Pedagogia, eu me senti, algumas vezes, deslocado. Porque no início muito, sempre falavam de termos que eu não sabia, aí eu fui aprendendo depois quais eram os termos e tal. (RICARDO, 21, PEDAGOGIA).

É pertinente destacar que os ensaios vivenciados pelos estagiários são mediados pelo contexto de trabalho ao qual a profissão se insere. Ou seja, o contexto de precarização do mundo do trabalho em curso e cada vez mais intenso na atualidade, interfere nesse processo, proporcionando ao estagiário a vivência de dificuldades que se intensificarão com a conclusão curso. Na fala seguinte, ainda do mesmo estagiário, podemos observar o relato sobre o choque entre os modos de atuação discutidos nos bancos da faculdade e a realidade do trabalho docente.

Aí eu fiz e passei e eu percebi que sempre há esse choque, né? A gente vai, você fala tanto de sala de aula: “ah, o professor tem que ser assim; é bom que o professor faça isso. Tudo tem que ser assim, tem que ser assado, tem que saber lidar com as turmas e ensinar”. Mas quando você vai ver lá aquela prática diária, cotidiana, que é uma correria, que é assunto, que é matéria, que é reunião, que é demandas, você vê que é uma coisa mais complicada. Aí eu fui entendendo, porque lá, como eu sou itinerante, eu fico observando tanto as crianças quanto os professores. Aí eu vejo como é difícil, às vezes você querer, o professor querer fazer uma atividade e a turma não cooperar, o tempo não cooperar. Às vezes o professor planeja uma coisa, aí depois é que a coordenação vai dizer que naquele dia vai ter uma coisa que vai tomar o tempo de uma aula, então tem toda... e milhares de outros fatores (RICARDO, 21 ANOS, PEDAGOGIA)

Observa-se na fala do aluno que a intensificação do trabalho é um elemento presente na docência. A reflexão do trabalho docente perpassa pelo processo de precarização laboral ao qual atravessam as práticas pedagógicas. Vivenciar essa realidade é também um ensaio da profissão no contexto do estágio, o que retoma o argumento de Caires e Almeida, (2000) sobre os tensionamentos que percorrem as trajetórias dos estágios.

Na tabela a seguir, sintetizamos os principais sentidos atribuídos pelos estagiários aos seus estágios junto com uma breve síntese da discussão apresentada nesta categoria.

Tabela 3: Os sentidos dos estágios

Construções	Síntese da discussão
O estágio é uma etapa	O estágio tem um período determinado que pode estar orientado por uma questão Legal ou pela disponibilidade do estagiário. O vínculo que estudante estabelece também aparece nesse aspecto com temporário.
O estágio é uma vitrine para o mercado.	O estágio surge como uma oportunidade de relacionar-se com outros profissionais e instituições da sua área e assim possibilitar que

	o estudante estabeleça uma rede de contatos.
O estágio é uma oportunidade de vivenciar experiências externas ao contexto acadêmico	O estágio possibilita ao estudante o desenvolvimento de habilidades técnicas muitas vezes não vivenciadas durante a formação acadêmica
O estágio é um ensaio do mundo do trabalho	O estágio muitas vezes, coloca o estudante na condição de um ator que ensaia sua atuação futura. Esse ensaio acontece mediado pelas relações que são estabelecidas, pelas atividades realizadas e pelos desafios do mundo do trabalho.
O estágio é um espaço para o desenvolvimento de um discurso crítico.	O estágio aparece nessa construção como um espaço para a reflexão sobre a atividade realizada, sobre o contexto de trabalho e sobre a realidade da profissão.

Fonte: elaborada pelo autor.

É válido destacar que essas construções apenas representam apreensões de momentos distintos da realidade dos estagiários e que isoladamente pouco contribuem em nossas discussões, contudo quando as reunimos e sobre elas tecemos reflexões, algumas considerações podem ser levantadas. A primeira é que o estágio não pode ser tido apenas como uma experiência prática de aplicação técnica, a atividade, como um trabalho na vida desses estudantes, possui um papel transformador na sua formação, em suas expectativas e construções em relação a sua carreira profissional. A segunda é que os sentidos atribuídos aos estágios parecem-nos não estarem apartados dos sentidos construídos em relação ao trabalho, portanto o estágio apresenta-se como um lugar de destaque na formação profissional. A terceira é a de que o estágio - enquanto um processo de significação - estabelece estreita relação com os processos de construção da identidade, ou seja, os sentidos do trabalho que muitas vezes têm sua gênese ainda nas experiências de estágio correlacionam-se com a construção da identidade do sujeito como trabalhador.

5.2.3 Ressonâncias da formação profissional no contexto do mundo do trabalho neoliberal: o estágio como um ensaio sob o roteiro da precarização do mundo do trabalho

Como fora amplamente apresentado nas sessões anteriores, o estágio é representado pelos estudantes como uma preparação para a inserção no trabalho. Ou seja, nessa atividade é possível que o estagiário experiencie de modo assistido uma realidade que tende a concretizar-se na maioria das vezes no primeiro emprego e durante a sua vida profissional (DOMINANI, 2009). Contudo, observamos que esse ensaio sobre o futuro não se organiza de qualquer modo. Ele tende a reproduzir nos estágios o contexto de precarização ao qual o mundo do trabalho atravessa no contexto do desenvolvimento neoliberal. Nesse interim, destacamos nessa categoria alguns elementos que nos dão suporte para essa observação.

Um elemento presente nos discursos que se articula ao desenvolvimento do neoliberalismo são os processos de apreensão da subjetividade do trabalhador. O capitalismo, alinhavado pelos vínculos precários de trabalho, desconsidera as características advindas do indivíduo trabalhador em detrimento de um ideal da organização, muitas vezes expressos por metas. Desse modo, vê-se o silenciamento de impressões, sentimentos e demandas do trabalhador em prol do alcance de metas estabelecidas pelas organizações (DEJOURS, 2004). Na fala a seguir a estagiária relatou uma experiência em que a instituição solicitou que os profissionais realizassem hora extra aos sábados para suprir a demanda de uma fiscalização que ocorreria em breve. As demandas da estagiária em relação a faculdade foram negligenciadas em detrimento das necessidades da organização.

Eu só pedi mesmo, dia de sábado, por exemplo, que eles queriam trabalhar e aí eu disse que não ia, que ia ter prova na semana. Só fui duas vezes, na segunda eu fui e não fiz nada que eu não poderia ter feito durante a semana. Aí isso eu falei diretamente com a pessoa do RH, eu falei assim: olha, eu tive prova na semana, eu vir no sábado e não sei se tu pensa assim, mas no final de semana pra uma pessoa vir no sábado, pra voltar pra estudar é muito difícil, muito difícil. Quebra todo o ritmo. P: E nesse dia que você foi, o sábado não faz parte da sua carga horária e nesse dia que você foi no sábado, foi feito uma remuneração extra? Não (INGRID, 24, ENG DE ALIMENTOS).

Tanto pra mim assim, nas férias eu não acho ruim ter que passar um tempo a mais, sabe? Eu ainda gosto, agiliza mais o que tem que eu tenho fazer ou não. Eu ficaria (INGRID, 24, ENG DE ALIMENTOS).

Na segunda fala, fica evidente a introjeção realizada pelo trabalhador em relação às metas da organização como metas pessoais. Percebe-se ainda o conflito entre os discursos, de um lado um trabalhador que se dedica ao seu trabalho, por outro uma organização que não retribui essa dedicação quando estão em jogo interesses do capital.

Desvela-se, nesse ponto a constatação que o desenvolvimento da organização não implica em benefícios para o trabalhador, mas somente ao Capital e seu objetivo fim, o lucro. Por outro lado, o fracasso dessa empreitada em torno das metas, é responsabilidade somente do trabalhador e do seu baixo engajamento e motivação em torno do trabalho. As consequências desse processo revelam-se nos processos de adoecimento do trabalhador, no acirramento da competição entre os empregados e no esvaziamento do sentido de coletividade. Essa reflexão é apresentada por Antunes (1999), ao destacar que o capitalismo, em sua nova forma neoliberal, atinge o trabalhador no plano das ideias, da subjetividade, tendo por objetivo a fragilidade da classe trabalhadora por meio do desenvolvimento de individualidades. Ainda sobre esse aspecto, Franco, Druck, Seligmann-Silva (2010) destacam que o paradoxo do trabalho na contemporaneidade é a combinação do adoecimento dos indivíduos com a precarização social, ou seja, nessa situação, a precarização é tomada como um elemento, intrínseco ao tecido social, multidimensional atravessada por questões políticas que interpela a vida dos sujeitos dentro e fora do trabalho (FRANCO, DRUCK, SELIGMANN-SILVA, 2010).

Na fala seguinte, observamos que o estagiário destaca que sua relação com as possibilidades de trabalho tendem a ser mediadas pelo discurso do medo, isto é, as escolhas as quais ele deve realizar não são escolhas tendo em vista que as condições colaboram para eleger o trabalho como uma urgência.

[...]Tipo, ah, eu como licenciado em pedagogia, eu vi lá uma vaga pra ser professor de uma escola, só que aí tá dando pouco, tá dando menos, um pouquinho menos do que era pra dá. E eu tô vendo um outro emprego, que não é na área de pedagogia, não tem nada a ver com a pedagogia, mas tá dando um pouco a mais. A gente tendo uma organização em casa pra conseguir organizar essas coisas, eu vou poder, agora ok. Eu consigo trabalhar como sendo pedagogo mesmo e ganhar um pouquinho a menos do que deveria, e fazer o que eu gosto, do que tá numa outra coisa que não tem nada a ver, né? Só que aí, quando a gente analisa, uma questão mais crítica ainda que é o meu medo, tipo, não sei minha mãe já é idosa, ela tem 62, de repente precisar de remédio, remédio caro, né? Essas, que vão aparecendo, elas vão fazendo com que o peso dessa questão de subsistência aumente. E se aumentar a um ponto muito grande, eu vou vê as necessidades infelizmente, de tá trabalhando realmente numa coisa que não seja na pedagogia. Ou seja, é um peso que ele vai poder aumentar e diminuir dependendo das circunstâncias que eu vou tá em casa. Aí, o ideal que, que pelo menos ele esteja no tamanho com que eu consiga fazer escolhas né? Mas se eu tiver em um ponto de eu não conseguir escolhas, eu penso assim: ah, eu vou ter que ir pra esse emprego, porque eu tô precisando, minha família tá precisando e tem que ir. Aí a subsistência fala mais alto e a gente vai ter que se submeter a algumas coisas (RICARDO, 21, PEDAGOGIA).

Revela-se nessa fala uma artimanha típica do contexto neoliberal, a gestão pelo medo. É colocado ao trabalhador um suposto direito de escolha entre adaptar-se às condições de trabalho ou sair do seu posto de trabalho, sob o argumento que há um exército de reserva preparado para abraçar a vaga. Esse discurso, típico dos modos de gestão, produz no

trabalhador uma sensação de medo pela possibilidade de perda do trabalho o que muitas vezes os obriga o submeter-se a situações drásticas de trabalho.

Segundo Franco, Druck e Seligmann-Silva, 2010, a gestão pelo medo, associado a outras práticas empresariais, revela-se como um processo de dominação que articula insegurança, incerteza, sujeição, competição e sequestro do tempo e da subjetividade do trabalhador. Para Castelhana (2005) a contradição sempre foi uma tônica presente nas organizações, contudo, o acirramento do esfacelamento da seguridade laboral no contexto da precarização do trabalho, contribuiu para que o medo assumisse posição de destaque no contexto organizacional. Como discute a autora, o maior medo do trabalhador articula-se à ameaça de perder o seu trabalho. Esse contexto contribui para deslocar o trabalhador a uma posição cada vez mais fragilizada impedindo-o de mobilizar-se e reivindicar seus direitos. Parece-nos evidente, nessa questão que a gestão pelo medo revela-se como uma artimanha do Capital no contexto neoliberal e que essa produz consequências diretas ao trabalhador em relação ao seu processo de produção da subjetividade. De modo similar, parece-nos claro que as organizações que oferecem os estágios têm se apropriado dessas situações como ferramentas para gerir os estagiários.

É válido destacar que muitas vezes a contratação de estagiários atende a uma demanda das organizações para suprir cargos ociosos ou como uma estratégia de redução de custos na mão de obra contratado. O estagiário, pela sua condição de estudante, é compreendido como um trabalhador capacitado cuja carga horária é reduzida e que não gera custos trabalhistas a exemplo do décimo terceiro e FGTS. Vê-se nessas situações uma das principais características do processo de precarização, a flexibilização. Esse cenário é descrito no relato seguinte. Nele, a estagiária relata que assumiu um trabalho que anteriormente era destinado a um profissional contratado e formado. “Porque ocorreu dele sair e a antiga engenheira de alimentos, ela voltou pra dar uma consultoria a parte, né? E aí, falou “não, vocês precisam de um estagiário”. Aí eu entrei como estagiária.” (INGRID, 24, ENG DE ALIMENTOS). O estudante é colocado nessa situação como uma opção de emergência para atender às demandas da organização sem preocupação com o aprendizado do estudante. Na fala seguinte, observamos outra situação corrente nos estágios, a utilização de estudantes para atividades secundárias da empresa e as quais a organização não deseja onerar custos.

Então como ela é uma... ela quer fugir um pouco desse perfil de empresa de publicidade, o trabalho do social media ele é um pouco mais deixado de lado. Aí é que eu entro. Porque é uma das minhas principais atividades, que é um trabalho mais rotineiro pra empresa (NICOLAS, 21, SIST. E MÍDIAS DIGITAIS).

Parece-nos claro que pensar sobre as repercussões provocadas pelos estágios acadêmicos perpassa a compreensão sobre o contexto de trabalho que o medeia. O ensaio da realidade do contexto de trabalho são mediados pelo contexto precário do mundo do trabalho em face ao desenvolvimento neoliberal. Parece-nos evidente que esse contexto produz consequências diretas não somente ao trabalhador ativo, mas também àquele ainda em formação.

5.2.4 Possibilidades de elaboração dos sentidos do trabalho a partir das experiências do estágio:

Nesta categoria, aglutinamos os conteúdos que atravessaram a relação entre as experiências de estágio e as elaborações dos sentidos do trabalho. Como exposto nos capítulos teóricos, interessou-nos nessa pesquisa; mais do que identificar os sentidos que se constroem sobre o trabalho nas experiências de estágio; o processo de elaboração desses sentidos. O intento de trazer ainda no título da categoria o termo “possibilidades” deve-se ao fato de considerar-se que os sentidos são categorias instáveis, ou seja, transformam-se ao passo que as experiências dos sujeitos se ampliam (VYGOTSKY, 1934).

Levamos como premissa inicial, a partir das revisões bibliográficas, que os estágios acadêmicos estabeleçam estreita relação com o processo de construção dos sentidos do trabalho. Essa ideia disparadora pode ser reafirmada após as análises das entrevistas. Os estudantes são enfáticos ao relacionar as experiências de estágio com condições que os fizeram refletir sobre a atividade realizada, ampliar a rede de contatos e reafirmar-se na profissão escolhida. Na fala em destaque abaixo, Ingrid, estagiária em uma indústria vegetal, destaca como a experiência de estágio a fez refletir sobre o seu campo de trabalho por meio da experiência de um novo campo modificando suas ideias iniciais de ingresso no mestrado.

Assim, eu estava muito em dúvida, se eu seguia carreira acadêmica ou se eu ia pro mercado de trabalho. Só que essa experiência me fez mudar um pouco de ideia, porque eu queria muito seguir o mercado. Eu penso em mestrado, mas não aqui, necessariamente. Eu tentaria em outro estado, entendeu? (INGRID, 24 ANOS, ENGENHARIA DE ALIMENTOS).

Em algumas situações, como a do estagiário Eric (Engenharia de Produção, 23 anos) o estágio fora o elemento principal para a colocação no mercado, tendo em vista que esse fora efetivado como funcionário na instituição ao qual foi estagiário. No mesmo sentido, Davi, estudante de administração, destaca que a experiência de estágio possibilitou além do desenvolvimento profissional a oportunidade para assumir um cargo efetivo após a conclusão do estágio.

Foi fundamental e imprescindível pra minha contratação e a minha experiência de estágio, porque foi durante o estágio em que eu tive oportunidade de aprender o máximo possível, sem ser responsável por mim, porque no estágio você é responsável, mas você ainda é muito subordinado a seu gestor. Qualquer coisa errada que você fizer, mesmo sendo culpa toda sua quem é responsável é o gestor. Então, esse momento mesmo em que você tem carta branca pra aprender e pra absorver tudo que você pode (MIGUEL, 21, ENG. DE PRODUÇÃO)

Eu gostei muito do que a área proporciona, do intuito da área, do quão ela é estratégica, então, é... as áreas... as vagas que eu tô concorrendo atualmente, que eu tô me inscrevendo pra essa seletiva é nessa área de inteligência de mercado, então, é... eu tô começando a alinhar o que eu realmente quero estudar pós formatura com o que eu já tenho de experiência é... antes de engatar nessa Pós, entendeu? Então eu já tô trabalhando na área como estagiário e quero continuar trabalhando na área como efetivo pra exatamente já juntar bagagem, é, é... vivência com a parte teórica, não queria chegar no MBA, nessa área, é... cego... e ou ir conhecendo no decorrer do curso. Quero usar o curso pra é... refinar ou pra aprimorar os conhecimentos que eu já tenho, entendeu (DAVI, 22, ADMINISTRAÇÃO).

Os dados produzidos levam-nos a identificar que as possibilidades de admissão como efetivo no local de estágio são um fator que, muitas vezes, está relacionado à valorização do trabalho do estagiário. Observamos que, quando há a possibilidade de efetivação, o engajamento do estagiário e o seu desempenho tende a ser maior que quando essa possibilidade não existe. Quando a possibilidade de efetivação não ocorre, o estagiário é colocado em face de eminência do término do estágio o que produz sentimentos de insegurança por conta da instabilidade em relação as perspectivas de futuro.

O estágio atua nesse sentido, como ferramenta organizada para a efetividade do processo de inserção laboral. Como indica Rocha de Oliveira (2009), o estágio tende a facilitar as possibilidades de inserção por meio da ampliação da rede de contatos e pela possibilidade de experiência comprovada para o currículo. Contudo, é preciso por destaque que não estamos apresentando uma relação direta entre estágio e primeiro emprego, fala-se nesse sentido de um elemento que auxilia, mas não garante esse. Outros elementos estão envolvidos nesse processo, entre eles a conjuntura econômica e a sociopolítica.

No imaginário dos estagiários, o trabalho surge como elemento central, contudo as razões pelas quais isso ocorre tendem a ser diversas. Em boa parte dos discursos, os estagiários associam o trabalho à sua dimensão instrumental, ou seja, o trabalho assume o signo de instrumento para a manutenção da vida e sua subsistência. Na fala a seguir destacamos esse cenário. Quando perguntado sobre a relevância de um trabalho após a formatura, Ricardo é enfático ao destacar que o trabalho representa uma necessidade para a manutenção de sua família, portanto ferramenta fundamental para a gestão de insumos.

Eu moro com a minha mãe, a gente tem uma renda baixa. Ela só tem a aposentadoria dela e a renda que eu consigo de alguma forma. Então, é muita essa questão de

subsistência mesmo. De tá fazendo alguma coisa que vá trazer dinheiro pra casa, e trazer essa questão porque o meu sonho, óbvio né, fazer mestrado, fazer doutorado, e até mesmo na graduação eu queria me dedicar mais, mas tem esse empecilho. Eu não posso, ah, esse ano 2020 eu quero só estudar e não vou trabalhar. Como é que vai ficar minha casa, não vai ter nada. Então eu preciso tá trabalhando pra trazer esse complemento, e assim, com esse complemento dá pra fechar o mês, e às vezes, até com esse complemento não tá fechando, as vezes. Então a gente... porque acontecem mil coisas na nossa vida. E se com esse complemento às vezes não dá, imagina sem? Então fica muito difícil. E aí, eu penso assim (RICARDO, 21 ANOS PEDAGOGIA).

É preciso pôr relevo sobre essa discussão, tendo em vista que essa construção repetiu-se em outras entrevistas. Com a democratização do acesso ao ensino superior, o perfil dos estudantes universitários ingressos sofreu uma grande transformação. Se outrora o ensino superior era vinculado a alunos de classes mais favorecidas que provinham prioritariamente de escolas particulares, com a implantação da política de cotas, o acesso à Universidade foi significativamente democratizado. Para esses estudantes, a formação profissional aparece como um instrumento para a colocação no mercado e não só a realização de uma vocação. A urgência do trabalho sobre o signo da subsistência é apresentada como condição que nos parece ter estreita relação com a transformação pelo qual atravessou a universidade pública nos últimos 10 anos.

Um elemento que vale a pena ser destacado em nossa discussão diz respeito à repercussão da instabilidade do contexto sociolaboral sobre o processo significação do trabalho. Observamos em nossas investigações que os planejamentos de futuro em relação à carreira e ao primeiro emprego tendem a ser cada vez mais diluídos nos discursos dos estagiários. Bianca pontua claramente essa questão ao relacionar os seus anseios sempre às condições socioeconômicas do contexto atual.

Eu acho que é um aspecto muito importante. Mas assim, eu sei que a realidade é totalmente diferente, né? Então, meio que eu não vou manter expectativas, né, mas assim, pra mim é um ponto (INAUDÍVEL) na verdade, porque é muito importante estabelecer, pra mim pelo menos, é... um meio financeiro sabe, um meio de ganhar e tudo mais, né? Porque afinal, acho que praticamente todo mundo quer, né? Mas, é mesmo assim, é porque a gente passa muito tempo estudando e o fato de você já, tipo assim, conseguir um emprego assim de cara, eu acho que não é fácil. Mas mesmo assim, não é fácil né, a tua cara, mas mesmo assim, eu acho que importante entendeu? Mas eu não vou criar expectativas, porque eu sei a realidade, né? (BIANCA, 20 ANOS, FARMÁCIA).

Como comenta Antunes (2010), a derrocada do modelo de estabilidade no emprego, a diluição das garantias contratuais e proliferação de outras modalidades de trabalho (como o temporário e o informal); características típicas do processo de precarização do mundo do trabalho colaboraram para que a disseminação de um sentido do trabalho cada vez mais associado ao signo da instabilidade. A consequência direta dessa construção é o aumento da

insegurança em relação ao planejamento de futuro, ocasionando, em muitos casos intenso sofrimento psíquico.

O trabalho, nesse interim, permanece destacado a partir de seu caráter central, contudo não se relaciona somente à subsistência, mas ao fato de esse ser condição basilar para o planejamento de futuro e organização de outras áreas da vida, como as relações amorosas. Identificamos a partir dos relatos, uma dificuldade grande nos estágios para elaborar seus planos de vida em relação à saída da casa dos pais e à construção de núcleo familiar. Guardadas as singularidades pelas quais as relações sociais passam no contexto da hipermodernidade, é possível que estabeleçamos uma relação entre a instabilidade em relação ao trabalho e a dificuldade em relação ao planejamento de vida.

Ainda quando esses planos surgem, observamos que não há um planejamento único, mas sim diversas possibilidades que vão ser orientadas não mais pelos anseios pessoais, mas pelas condições conjunturais de momentos futuros e as possibilidades – ou não - de trabalho.

Bom, inicialmente eu estava planejando fazer esse MBA fora. Estava pensando em mudar pra São Paulo... é... ainda estou pensando, né, me formar e fazer esse MBA fora, só que, é... se, se... eu tô deixando assim: os planos era 2021 é... juntar o dinheiro durante o ano de 2020 e em 2021 pegar minhas coisas e ir morar com uns amigos em São Paulo, que já tá por lá, fazer o MBA por lá. É, só que eu tô deixando esse plano bem aberto, por que... se eu arranjar, uma das vagas que eu tô concorrendo der certo, é muito provável que eu fique durante o ano de 2020 e alternar o MBA eu consiga uma promoção e continue [...] mas, se se concretizar o plano de ficar por aqui, se o emprego der certo, eu vou fazer a Pós aqui e aí eu penso no São Paulo, ou me mudar depois, mas caso contrário, não dando certo São Paulo eu não tenho planos de sair de casa, nem de casar ou ter filhos agora não. Isso são planos que eu realmente é, é deixo pra pensar bem mais pra frente, lá pros trinta, porque eu tenho muitos... muitos objetivos pessoais do tipo quero viajar mais, quero conhecer outros países, quero, é, é, é... aprender outras línguas, então, é acho que de planos pessoais pro ano que vem estão aperfeiçoar o Espanhol, terminar... já terminei o curso de inglês, mas quero fazer o avançado no inglês e focar no trabalho pra que eu, independente da onde eu esteja, esteja no trabalho ou esteja no estágio, eu consiga algo mais, se for ao emprego efetivo, eu consiga uma formação no final do ano com MBA ou eu consiga me mudar pra São Paulo no início de 2021 (DAVI, 22 ANOS, ADMINISTRAÇÃO).

A presença de planejamentos que não estão relacionados diretamente ao primeiro emprego após a formatura foi uma tônica presente no discurso de muitos estagiários. Entre esses se destacam os anseios pela inserção na carreira acadêmica por meio dos ingressos em cursos de especialização, MBA e mestrado. O fala de Pedro retrata bem esse momento.

Quando eu terminar a licenciatura eu já almejo o mestrado, inclusive eu já tô me preparando desde agora. Eu estou nesse processo pra entrar nesse fluxo da licenciatura, já estou em paralelo me preparando para o mestrado, que acredito muito que seja em Natal ou então, outro canto Eu já almejo e isso é uma das minhas metas. Doutorado eu não sei, eu não consigo enxergar muito, talvez eu não faça, muito provavelmente. Mas assim, de metas plausíveis, que eu consigo que eu quero atingir é até o mestrado (PEDRO, 22, EDUCAÇÃO FÍSICA).

Indagamos se essa inclinação deve-se ao fato desses alunos estarem mais próximos dos campos de pesquisa e dos programas de pós-graduação da Universidade. Nesta pesquisa não podemos aprofundar essa questão, pois não ampliamos a investigação em outras universidades, contudo, questionamos se essa inclinação ocorre no discurso de outros estagiários de outras universidades. A carreira acadêmica, sobretudo devido aos financiamentos de bolsas, aparece ao jovem muitas vezes como uma possibilidade em face da dificuldade para colocação no mercado.

Nessa discussão, não podemos descartar o trabalho enquanto instrumento de realização pessoal. Na fala abaixo, Miguel destaca a retribuição que obtém com a atividade que realiza. Essa retribuição não se relaciona a retornos financeiros, mas ao impacto que sua atividade desenvolve.

Muita coisa influencia muita coisa, porque é algo mais humano, não é algo mecânico, entendeu? Eu tá ajudando, eu tá possibilitando a uma pessoa que antes ela tinha uma limitação e que agora ela não vai ter mais, isso pra mim é muito gratificante. Então, o que eu estou fazendo é tipo assim, eu vou tá mudando a vida de uma pessoa, só que eu não estou fazendo medicina, não estou fazendo nenhum curso de saúde, estou fazendo curso de tecnologia. Tipo, propor aquilo, propor a uma pessoa uma tecnologia assistida pra ela poder realizar uma atividade que antes ela não conhecia, já pra mim já é totalmente gratificante, cem por cento gratificantes pra mim. (MIGUEL, 21, ENG. DE COMPUTAÇÃO).

Em sua entrevista, Miguel relatou a dificuldade para conciliar o estágio e a faculdade e nas diversas vezes que pensou em abrir mão do estágio em detrimento da formação, contudo o tipo de atividade que ele realiza e o impacto dessa na melhoria da qualidade de vida de outras pessoas é algo que colabora para que ele se mantenha no estágio e trace planos para aperfeiçoar-se na área.

Destaca-se aqui outro sentido do trabalho aos quais os estagiários têm elaborado, a realização pessoal pela atividade efetuada e a valorização pelos resultados. Tal aspecto reforça a tendência apontada por Tolfo e Piccinini (2007) ao indicar os resultados das atividades desenvolvidas como um dos principais elementos nos processos de construção dos sentidos do trabalho, sobretudo pela estreita relação que se estabelece entre esses e a motivação para o trabalho. O trabalho nesse ponto assume um sentido profícuo na promoção de saúde, por meio da melhoria na qualidade de vida.

Em suma, identificamos que o trabalho após a formatura assume uma posição de destaque no imaginário dos estagiários. Nesse interim, os sentidos construídos então relacionados à consideração da centralidade do trabalho a partir de sua dimensão instrumental para a geração de renda e nos planos para futuro. Esses sentidos, não se apresentam

distanciados do contexto socioeconômico dos sujeitos que os produziu, ou seja, estão influenciados pela conjuntura do processo de precarização - cada vez mais feroz – do mundo do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de dissertação de mestrado apresentada aqui buscou compreender de que modo as experiências de estágios reverberam na construção dos sentidos do trabalho em estagiários. Compreendemos que o estágio acadêmico surgiu para nós como uma ferramenta pedagógica desenhada no escopo da formação superior que se desenvolve no ambiente de trabalho e por isso carece para o seu entendimento de discussões teóricas abrangentes.

Partindo disso, foi percorrido um caminho teórico que esteve assentado nas reflexões dos dois campos que dialogam com o estágio, a saber, a educação e o trabalho. Interessou-nos nessas discussões compreender em um primeiro momento de que modo essa atividade se construiu ao longo do tempo e quais os desenhos legais que a circundam. A posteriori, mergulhamos nas reflexões promovidas pela educação, sobretudo àquelas que discutem a construção do conhecimento a partir das articulações entre teoria e prática, chegando à concepção defendida por Lima e Pimenta (2017) do estágio docente enquanto práxis transformadora da realidade. Apropriamo-nos dessa ideia para pensarmos o estágio como categoria mais ampla.

Em seguida, dialogamos sobre o estágio como uma ferramenta de preparação para o trabalho e que, portanto dialoga diretamente com esse. Nesse aspecto bebemos da fonte da apropriação da Psicologia Social ao trabalho, compreendendo-o enquanto fenômeno fundamental ao processo de subjetivação, psicossocial, multiderminado e de síntese complexa. Debruçamo-nos, para isso, sobre as discussões que transversalizam as transformações no mundo do trabalho e por fim sobre os sentidos atribuídos ao trabalho. Nesse ponto, cabe ressaltar que o fenômeno do trabalho pode ser significado das mais diversas formas a partir das experiências sociais de cada um.

Como premissa inicial, levamos em consideração que o estágio, em face dessas considerações teóricas levantadas, revela-se como um lugar profícuo para a construção dos sentidos do trabalho entre os estudantes. Nesse interim, interessou-nos, mais do que descrever os sentidos do trabalho construídos pelos estudantes em seus estágios, buscar compreender as condições que deram as bases para que esses sentidos fossem construídos.

Diante disso, realizou-se uma pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas a nove estudantes da Universidade Federal do Ceará (campus Fortaleza) de nove cursos distintos que tenham desenvolvido atividade de estágio acadêmico. Como nosso interesse foi uma apreensão das experiências desses e com intento de abarcar a máxima

discussão possível, em nossa pesquisa não restringimos o tipo de vínculo de estágio (obrigatório ou não obrigatório).

Os dados produzidos com nossa investigação serviram de base para a construção de quatro categorias semânticas. Na primeira, “Quanto custa o estágio? Apontamentos sobre a passagem do aluno pelo estágio”, desenhamos reflexões sobre o processo de inserção, o desenvolvimento das atividades e a avaliação dos estudantes sobre os seus estágios. Destacamos, nesse ponto a relevância do estágio no processo formativo do estudante, contudo indicamos que correntemente, o estágio é apresentado com campo repleto de contradições, sobretudo no que diz respeito ao custo que ele produz ao estudante em termos de rendimento acadêmico e cansaço físico. Esses apontamentos nos permitem reiterar o estágio como um campo polissêmico e cuja compensação dos sentidos aos quais elicia tornar-se fundamental.

Na segunda categoria, destacamos os principais sentidos atribuídos ao estágio pelos estudantes. Dela, podemos destacar algumas considerações, tais como a que o estágio não pode ser tido apenas por sua dimensão prática, tendo em vista que esse desempenha um papel transformador na formação profissional dos estudantes. Ressalta-se ainda que os sentidos atribuídos aos estágios acadêmicos parecessem-nos articulados aos sentidos atribuídos ao trabalho e que, portanto, apresentam-se como elementos fundamentais à construção da identidade.

Intitulada de “Ressonâncias da formação profissional no contexto do mundo do trabalho neoliberal: o estágio como um ensaio sob o roteiro da precarização do mundo do trabalho”, a terceira categoria busca compreender as relações entre o desenvolvimento dos estágios no contexto das transformações do mundo do trabalho. Parece-nos claro que a realidade do estágio recebe influência de uma questão estrutural consequente da precarização do mundo do trabalho nos moldes do desenvolvimento neoliberal por meio indireto e direto, concomitantemente. Direto, pois, muitas vezes, o estágio reproduz o cenário precário do trabalho e indireto, pois todo o processo formativo é atravessado pelas consequências desse cenário, sobretudo no que diz respeito à formação do corpo docente e a estrutura da Universidade pública.

Na quarta categoria, nos centramos sobre a discussão da construção dos sentidos do trabalho. Nesse espaço reiteramos a centralidade do trabalho como um sentido basilar a partir da sua dimensão instrumental e da condição para o planejamento de futuro. Destacamos ainda que há forte articulação entre o contexto social, político e econômico vivenciado pelos estudantes.

A construção desse processo investigativo, tal como as vivências de estágio, não foi um período pacífico. A rotina do estagiário muitas vezes é preenchida de atividades e quando há espaço livre é preenchido pelas obrigações extraclasse. Foi preciso uma adaptação para que as entrevistas fossem viabilizadas, optando por meios eletrônicos a fim de dar prosseguimento à pesquisa.

Surgiram, no decorrer deste processo, também inquietações referentes ao nosso papel como pesquisadores. Nossa maior preocupação foi no sentido de garantir que esta pesquisa não se configurasse apenas como uma simples conferência de dados. Mas, que ela produzisse nos participantes um espaço de reflexão sobre sua atividade, suas perspectivas futuras e seu processo formativo, tendo ciência da importância, cada vez mais revelada, que o estágio apresenta.

Não pretendemos aqui apontar o estágio acadêmico como ferramenta capaz de solucionar todas as lacunas existentes na formação profissional, tendo em vista que essas são resultado de questões estruturais do processo educacional brasileiro e, portanto, mais amplas que esse. Cabe a nós, aqui, levantar o respaldo dessa ferramenta como instrumento essencial à formação e que por essa razão precisa ser repensada e valorizada.

Esse manifesto ocorre frente a uma exacerbada fragilidade das políticas educacionais em nosso País, seja ele na educação básica, profissional ou superior e em relação aos estágios acadêmicos não seria diferente. Em novembro de 2019, foi aprovada a Medida Provisória nº 905/2019 ou MP da carteira verde amarela, como ficou conhecida, que tem como objetivo principal a facilitação das condições trabalhistas para os empregadores que contratarem, a remuneração limitado a 1,5 salários mínimo por mês, pessoas de 18 a 29 anos sem experiências anteriores. Em um primeiro momento vê-se que a medida busca amenizar a situação de desemprego entre os jovens, contudo, desconsidera que muitos dos jovens nessa faixa etária encontram-se inseridos em suas formações profissionais, muitos nas universidades e faculdades. Nesse sentido, a Medida Provisória, parece-nos uma ferramenta que tende a afastar o estudante do estágio e inseri-lo no mercado como mão de obra de baixo custo e totalmente desprotegido legalmente. A Medida Provisória teve implementação imediata e teve validade até abril de 2020, quando deveria ter sido votada pelo Congresso Nacional.

Podemos indicar que a pesquisa descrita aqui abriu veredas discursivas que pela limitação dessa investigação não puderam ser mais bem exploradas. Dentre essas veredas, destacamos a necessidade de ampliar esse debate a fim de compreender o contexto de outras Universidades e Faculdades. A realidade no estagiário advindo de uma instituição pública apresenta nuances que talvez não existam em instituições particulares. Podemos destacar, por

exemplo, a flexibilidade de horários da oferta de turmas que tende a ocorrer nas instituições privadas e não nas públicas.

Por fim, concluímos essa pesquisa certos que nossa pergunta inicial foi adequadamente respondida a partir dos dados produzidos em nossa investigação. O estágio acadêmico representa uma ferramenta pedagógica fundamental ao processo formativo de novos profissionais e precisa, o quanto antes, ter essa função recuperada. Além disso, esse momento da trajetória profissional representa um espaço para o desenvolvimento da identidade e que correntemente é atravessado por sentimentos e angústias em relação ao futuro. Não podemos compactuar com a utilização de estagiários como mão de obra a baixo custo sob o discurso de ser esse tipo de trabalhador um estudante. Como estudante, o estagiário deve ter como objetivo fim a construção do conhecimento e o seu desenvolvimento profissional. A responsabilidade sobre esse processo não cabe ao aluno, mas ao Estado que precisa fornecer as bases para o estagiário tenha suporte efetivo por parte das instituições de ensino e condições adequadas de aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, C. V. L.; MATOS, F. R. N.; DUTRA, C. J. C. Indignação e Resignação: O Cotidiano do Estagiário do Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza. *In: Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*, 3, 2011, Paraíba. **Anais...** 2011, p. 1-16. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2011_ENGPR80.pdf
Acesso em: 10 de abril de 2019. (2011)
- ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho; 2ed. Londrina: Práxis, 2007. 288p.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.
- _____, R. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 2, p. 55-59, 1 dez. 1999.
- _____, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____, R. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____, R **O privilégio da servidão**: o novo proletário de serviços na era digital. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 325p.
- AQUINO, C. O processo de precarização laboral e a produção subjetiva: um olhar desde a Psicologia Social. **O público e o privado** [s.l.], n. 11, 169-178, 2008 Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=140>. Acesso em: 27 mai. 2018.
- BARDAGI, M. et. al. Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v10n1/v10n1a07.pdf>. Acesso em: 18 Jul 2019.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. 279p
- BARROS, J. Paulo Pereira et. al. O conceito de sentido em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 174-181, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n2/v21n2a04.pdf>. Acesso em: 11 Jun 2019.
- BASTOS, A.V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado do trabalho: Um estudo entre trabalhadores em organizações formais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 20-29, Dez. 1995. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rae/v35n6/a04v35n6.pdf. Acesso em: 07 jul. 2017.
- BENDASSOLLI, P. Crítica às apropriações psicológicas do trabalho. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 75-84, Abr. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100009>.

_____, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E.; **Significado do trabalho nas indústrias criativas**. Rev. adm. empres. [s.l.], v. 51, n. 2, p.143-159, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v51n2/v51n2a03.pdf>. Acesso em: 09 Jul. 2019

_____, P.; GUEDES, S. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: Discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances en Psicología Latinoamericana**, vol. 32(1), pp. 131-147. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v32n1/v32n1a10.pdf>. Acesso em 09 de Jul. 2019

BORGES, L. O.; TAMAYO, A. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 11-44, 2001. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v1n2/v1n2a02.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BRASIL, Decreto-lei nº11788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova As Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, n. 112, p. 59-62.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1, n. 98, p. 44-46.

BRASIL, Medida Provisória nº 905, de 11 de novembro de 2019. Institui o Contrato de Trabalho Verde Amarelo, altera a legislação trabalhista, e dá outras providências **Diários Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 nov. 2019. CAIRES, S.; ALMEIDA, L. S.; A experiência de estágio acadêmico: Oportunidades de formação e desenvolvimento do estudante. **Psicologia**, Lisboa, v. 14, n. 2, p. 235-250, jul. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v14n2/v14n2a08.pdf>. Acesso em: 07 Mai. 2019.

CADONÁ, M. A., GÓES, C. H. Juventude e trabalho: emprego e desemprego entre jovens no município de santa cruz do sul. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 39, p.36-52, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n39/n39a03.pdf>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.

CASTELHANO, L. M. O medo do desemprego e a(s) nova(s) organizações de trabalho. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 17, n. 1, p. 14-20, Abr. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Maio 2020.

COELHO, R N; AQUINO, C. A. B.. Inserção laboral, juventude e precarização. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 9, n. 18, p. 275-289, dez. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 11 maio 2019.

COLOMBO, I. M.; BALLÃO, C. M. Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil. **Educar em Revista**, [s.l], Curitiba, n. 53, p. 171-186, jul./set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n53/11.pdf>. Acesso em: 09 Mai. 2019

COUTINHO, M. C.; GOMES, J. S. Sentidos do Trabalho: Reflexões a partir de uma Oficina desenvolvida com Jovens. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, [s.l], v. 1, n. 1, jun. 2006. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/Sentidos_do_Trabalho_-_Reflexoes_a_partir...MC_Coutinho.pdf. Acesso em 15 Jun. 2019.

_____, M.C.; OLIVEIRA, F., Algumas Ferramentas Teóricas para o Estudo Psicossocial do Trabalho: Práticas Cotidianas, Processos de significação e Identidades; *In*: COUTINHO, M.C; BERNARDO, M. H. E; SATO, L.(org.). **Psicologia Social do Trabalho**. 1ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEJOURS, C. **Subjetividade, trabalho e ação**. Prod., São Paulo, v. 14, n. 3, p. 27-34, Dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Mai. 2020.

DIAS, M. S. L.; **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de Universitários**. 2009, Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2009.

DOMINANI, D. F. **Estágios profissionais: precarização do trabalho e dominação**. 2009. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19003/000733742.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 mai. 2017.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. spe1, p. 37-57, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 de Fev. 2020

DUBAR, C. La constructios sociale de l' insertion professionnelle. **Educatios et Sociétés**, [s.l], n. 7, p. 23-36, 2001. Disponível em: <http://ife.ens-lyon.fr/publications/edition-electronique/education-societes/RE007-2.pdf>. Acesso em: 22 Jul. 2019

EVANGELISTA, D. L.; IVO, O. P. Contribuições do estágio supervisionado para a formação do profissional de enfermagem. **Rev. Enferm. Contemp.** [s.l], v. 3, n. 2, p. 123-130, dez 2014. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/391/340>. Acesso em: 07 out. 2017

FRANCO, T; DRUCK, G; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo , v. 35, n. 122, p. 229-248, Dec. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Mai. 2020.

FRÖHLICH, N. B.; RODRIGUES, J. R.. O Precariado e o panorâma dos estagiários e das estagiárias nos Tribunais de Justiça brasileiros. *In: Congresso da Associação Brasileira de pesquisadores em Sociologia do Direito*, 3, 2017, Porto Alegre. **Anais Sociologia Jurídica contra dogmática? Pontos de convergência**, 2017. v. 1. p. 1258-1277

GONÇALVES, M. A. Reestruturação produtiva e Precarização das Relações de Trabalho. **Revista Pegada**, [s.l], v.2, n.1. 2001. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/783/805>. Acesso em: 27 mai. 2017.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa Versus Pesquisa quantitativa: Esta é a Questão? **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, Ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>. Acesso em: 04 set. 2017

MACHADO, F. K S; GIONGO, C. R; MENDES, J. M. R. Terceirização e Precarização do Trabalho: uma questão de sofrimento social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 16, n. 36, p. 227-240, ago. 2016 .
Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 fev. 2020.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MORIN, E.; TONELLI, M. J; PLIOPAS, A. L.V. O trabalho e seus sentidos. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 47-56, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea08.pdf>. Acesso em: 22 Jul. 2019.

MURARI, J. M. F.; HELAL, D. H. O estágio e a formação de competências profissionais em estudantes de Administração. **Rev. Gestão e Planejamento**, Salvador, v.10, n.2, p.262-280. 2009. Disponível em: <http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/787/773>. Acesso em: 22 nov. 2017.

NARDI, H. **Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

PIMENTA, S.G; **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 1ed. São Paulo: Cortez Editoria, 1994.

_____, S. G. ; LIMA, M.; Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, v. 3, n. 4, p.5-24. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em 20 de mar de 2018.

_____, S G.; LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e Docência**. 1ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

PIRES, M. F. de C. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 83-94, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/06.pdf>. Acesso em: 12 Jul. 2019.

RIBEIRO, M. A.; OLIVEIRA F. BERNARDO, M.H.; NAVARRO, V. L. Práticas em

Psicologia Social do Trabalho: Pesquisa e intervenção. *In*: COUTINHO, M.C; BERNARDO, M. H. E.; SATO, L.(orgs). **Psicologia Social do Trabalho**. 1ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. **Estágios para Universitários: representações e implicações na inserção profissional dos jovens brasileiros e franceses**. 2009. Tese (Doutorado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18329>> Acesso em: 07 out. 2017

ROCHA DE OLIVEIRA, S.; PICCININI, V. C. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 5, p. 1517-1538, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v45n5/v45n5a12.pdf>. Acesso em: 18 Jul. 2019.

SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. 1ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SANCOVSCHI, M.; FERNANDES, L.; J. D. SIQUEIRA, J. R. M. Custos Pessoais do Empenho Imoderado de Alunos de Cursos de Graduação em Administração nos Estágios: A Relação Entre Empenho dos Alunos, Sobrecarga de Trabalho, Estresse no Trabalho, e Aspectos Significativos da Vida Acadêmica. *In*: Encontro da ANPAD, 33, São Paulo. **Anais...** 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ1266.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2019.

SATO, L; OLIVEIRA, F. Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho **Aletheia**, Canoas, n. 27, p. 188-197, jun. 2008 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942008000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 jul. 2019.

SILVA, C. S. C., & TEIXEIRA, M. A. P. Experiências de estágio: Contribuições para a transição universidade-trabalho. **Paidéia**, 23, 103-112. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v23n54/0103-863X-paideia-23-54-00103.pdf> Acesso em 11 de maio 2020.

SOARES, D. H. P. A escolha profissional: do jovem ao adulto. 1ed. São Paulo: Summus, 2002.

SMOLKA, A. L. B.; Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. *In*: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org.). **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

SPOSITO, M. P; CARRANO, P. C .R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 24, p. 16-39, . 2003 .Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 de junho de 2019

THOME, L. D.; TELMO, A. Q.; KOLLER, S. H.; Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 46, p. 175-185, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n46/04.pdf>. Acesso em: 05 Jun. 2019.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V.; Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 38-46, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea07.pdf>. Acesso em: 20 Jun. 2019.

VIEIRA, J. M. Reflexões sobre a transição para a vida adulta: O caso do estado de São Paulo. *In: Encontro Nacional De Estudos Populacionais – ABEP, 15, Caxambu. Anais...* Caxambu, Minas Gerais. 2006. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1479/1444>. Acesso em: 27 mai. 2017.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, 1926.

APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

- Nome
- Idade
- Gênero
- Estado Civil
- Renda Familiar

2. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ESTÁGIO

- Curso
- Período do curso
- Tipo de estágio
- Valor da bolsa (quando há)
- Carga horária do estágio
- Tempo para conclusão do estágio
- Tipo de suporte técnico no local do estágio
- Tipo de suporte pedagógico na universidade

3. QUESTÕES SOBRE A ATIVIDADE DESENVOLVIDA

- Relate sua trajetória acadêmica. (Motivações para escolha do curso, principais dificuldades e aprendizados proporcionados pela área escolhida) Vida acadêmica.
- Você já realizou alguma atividade (formal informal ou estágio)?
- Como surgiu a ideia de estagiar? Quais as motivações?
- Como foi o processo para a inserção no estágio? Quais as dificuldades e facilidades nesse processo?
- Quais as atividades que você realiza em seu estágio?
- Relate como é o seu cotidiano/rotina de trabalho e estudo (horários, percurso/deslocamento, alimentação, contatos, etc).
- Como você avalia sua experiência de estágio? Consegue destacar contribuições e dificuldades?
- Você costuma fazer atividades de trabalho quando não está no local do estágio?
- Você consegue identificar quais as diferenças da atividade que você desenvolve como estagiário para as atividades de um empregado comum? Quais?
- Qual a função do seu estágio para você?
- Quais os principais aprendizados que seu estágio proporcionou?
- Quais as principais contribuições que você trouxe para o seu local de estágio?
- Quais os seus planos de futuro após o término do curso? O que você tem feito para concretizar esse planejamento?
- Você acredita ser relevante ter um trabalho após a formatura? Por qual motivo?
- Você acredita que seu estágio possa contribuir nessa perspectiva de trabalho futuro? Como?
- Você considera que sua atividade era reconhecida como relevante para a organização?
- A atividade em que você desempenhava fazia parte do escopo da sua profissão?
- Se tivesse a oportunidade de efetivação quando terminasse o estágio, você teria interesse de permanecer no local onde estagia? Se não, por quê?

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado por José Haroldo Pimentel Rocha Neto a participar de uma pesquisa. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Gostaria de obter a sua autorização para participar desta pesquisa, que objetiva compreender a relação de jovens universitários com os seus estágios. A sua participação se dará por meio de uma entrevista, que abordará questões relativas ao cotidiano das atividades de estágio. A entrevista é composta por três blocos de perguntas que abarcam dados socioeconômicos, informações sobre os cursos e item sobre o contexto dos estágios.

A duração para a realização da pesquisa é de 30 minutos e você terá a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem prejuízo para seu tratamento na Instituição. Você pode, ainda, se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você e sempre que quiser, pode pedir informações sobre a pesquisa com os responsáveis pelo estudo.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais e nem envolve nenhum tipo de pagamento. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Os benefícios estão relacionados à reflexão crítica que a pesquisa proporciona em relação as atividades desenvolvidas no estágio. Os riscos são mínimos e limitam-se ao constrangimento ocasionado por algum questionamento ou no relato de alguma situação vivenciada. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento dos dados. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Nome: José Haroldo Pimentel Rocha Neto
Instituição: Universidade Federal do Ceará
Endereço: Avenida da Universidade, 2762.00.
Telefones para contato: (85) 998185531.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).
O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Assinatura do participante da pesquisa

Data __/__/____

Data __/__/____

José Haroldo Pimentel Rocha Neto
Pesquisador Responsável